

PREDESTINAÇÃO

PREDESTINADOS PARA SERMOS À IMAGEM DE CRISTO

JOSÉ ROBERTO CRISTOFANI

BOA NOVA EDUCACIONAL

PREDESTINAÇÃO:
PREDESTINADOS PARA SERMOS À IMAGEM DE CRISTO

JOSÉ ROBERTO CRISTOFANI

CAMPINAS

1986

Palavra do Autor

Este trabalho sobre Predestinação eu escrevi como exigência para a conclusão do meu curso de Teologia no SPS - Seminário Presbiteriano do Sul da IPB em 1986. Já faz tempo!

Por isso, conservei a grafia, a metodologia da época para registro histórico, pelo que você leitor e leitora devem me perdoar, também aos erros aqui e acolá, que porventura ainda persistem.

Abordei o tema da Predestinação sob o ponto de vista histórico, teológico e exegético. Como todo "calouro" conclui o trabalho propondo um "acrécimo" à Confissão de Fé de Westminster. Mas não se assuste, apenas o acréscimo do texto bíblico que eu tratei aqui.

Portanto, este e-book é a recuperação de um texto, que reflete um tempo e um modo, já passados, de eu fazer teologia.

Desejo uma boa leitura.

Índice

Introdução |01

Capítulo I - Preliminares |05

Capítulo II - A Doutrina Na História Da Igreja |16

Capítulo III - A Doutrina |39

Capítulo IV - Argumento Teológico |54

Capítulo V - Argumento Exegético |68

Conclusão |105

Bibliografia |108

INTRODUÇÃO

A razão principal, além da exigência constitucional, de termos escolhido a Doutrina da Predestinação como assunto base de nossa tese, foi a necessidade sentida em trazer um aspecto prático desta maravilhosa doutrina.

Mas como encontrar um aspecto prático desta doutrina, algo que possa ter implicação para o dia a dia?

Foi levantando esta questão que optamos por estudar somente umas das partes da Predestinação, isto é, a Eleição. Aqui cabe lembrar que os teólogos dividem a Predestinação em duas partes¹ a saber: Eleição, que é a Predestinação em relação aos homens que serão salvos e Reprovação, que é a Predestinação em relação

¹ L. Berkhof, *Manual de Doutrina Cristã*, pp. 84-85; H.B. Smith, *System of Christian Theology*, p. 505.

aos homens que foram deixados em seu estado de pecado.

Ao tratarmos da Eleição, não temos em mente a pretensão de fazê-lo exaustivamente, nem de fazer uma exposição completa de todos os seus aspectos, nem ainda uma apologia de tal doutrina, muito menos de esgotar o assunto. O que na verdade tentaremos fazer, será abordar, dentro da Eleição, apenas um único particular, isto é, tratar apenas de um dos propósitos da Eleição.

Por isso nós propomos a tese, baseada em Romanos 8.29:

*O propósito de Deus na eleição é
conformar os escolhidos à imagem
de Cristo*

É justamente no estudo desse aspecto que podemos encontrar uma aplicação prática para o dia-a-dia, não que haja outras, mas a nossa proposta é aqui encontrá-la.

No decorrer do estudo de algumas questões certamente serão levantadas, questões que são verdadeiras teses e que certamente precisarão de outros trabalhos para esclarece-las. Assim, trabalharemos de maneira a tentar resolver a tese proposta.

O roteiro que seguiremos será o seguinte:

No capítulo primeiro, sob o título Preliminares, faremos a dissertação histórica, mostrando como surgiu o documento confessional que adotamos como texto para o nosso assunto, isto é, a confissão de fé de Westminster.

Trataremos dos antecedentes históricos da Assembléia de Westminster, da sua composição, seu funcionamento e seus resultados.

No capítulo segundo, cujo título é: A Doutrina da Predestinação na História da Igreja, tentaremos descobrir quando tal doutrina começou a ser discutida, como foi primeiramente formulada e seu desenvolvimento na história da Igreja em suas sucessivas etapas, que foram: Igreja Antiga, Medieval e Reformada.

No terceiro capítulo focalizaremos, sob o título: A Doutrina, como as Confissões de Fé definiram a doutrina e como os teólogos a conceberam em seus compêndios, tendo sempre em vista que estaremos com isso tratando ou não do propósito de Deus na Eleição.

Com o título de: Argumento Teológico, que é o nosso quarto capítulo, faremos uma revisão na literatura teológica a respeito da finalidade da Eleição e sistematizaremos textos bíblicos que comprovam nossa tese, tudo do ponto de vista teológico.

Finalmente no quinto capítulo, com o título de: Argumento Exegético, tentaremos comprovar nossa tese bíblicamente.

Procederemos uma exegese de Romanos 8.29 no método "gramático-histórico", que nos possibilitará um embasamento eminentemente bíblico a respeito da tese proposta.

Portanto, passaremos imediatamente ao estudo.

CAPÍTULO I

PRELIMINARES

Tendo determinado o tema, os objetivos, e métodos do nosso trabalho, passaremos a considerar a Confissão de Fé do ponto de vista histórico.

Um dos símbolos de fé adotado pela IPB é a Confissão de fé de Westminster e nesse capítulo é nosso desejo fazer um apanhado histórico da Assembléia que produziu os símbolos de fé (Confissão de Fé, Catecismo Maior e Catecismo Menor), que foram adotados pela Igreja.

ANTECEDENTES HISTÓRICOS²

Para termos uma visão panorâmica desta Assembléia é necessário considerar os antecedentes políticos e religiosos que levaram à convocação da mesma. Políticos e religiosos, pois a Igreja Anglicana da Inglaterra era oficial e seu representante máximo era o Rei.

Os primeiros passos em direção ao protestantismo, na Inglaterra, remontam ao reinado de Henrique VIII.

Por essa época o povo inglês estava sobrecarregado de taxas impostas pela Igreja Romana. O descontentamento era geral. Se se arvorasse a possibilidade de uma ruptura com tais imposições, seria bem-vinda pelo povo, principalmente pela comunidade mercantil que ascendia à dominação de posses.

O fator decisivo para desencadear uma onda de restrições a Roma, foi a vida conjugal de Henrique VIII.

² E.E. Cairns, *O Cristianismo Através dos Séculos*, pp. 266-279; J.L. Gonzales, *Uma História Ilustrada do Cristianismo*, vol. 6, pp.121-135; R.H. Nichols, *História da Igreja Cristã*, pp. 175-180; P. Schaff, *The Creeds of Christendom*, vol. I, pp. 701-722.

Este queria separar-se de sua esposa para tentar gerar um herdeiro com Ana Boleyn.

O pedido de anulação do seu casamento, foi anulado pelo papa Clemente VII, fato que levou o Rei da Inglaterra a declarar-se chefe da Igreja em seu reino, e conseguir que os clérigos, que nomeou, anulassem o seu casamento.

A separação de Roma foi tão somente de liderança, mas não teológica, pois na Inglaterra a Igreja continuou, romana em teologia, fato notório nos seis artigos de Henrique VIII³.

Entretanto, por influência de Ana, houve concessão aos protestantes. Outro fator importante é que a Bíblia estava à disposição do povo em sua língua vernácula.

Com Henrique fora de cena, pois a morte o havia alcançado, seu sucessor, Eduardo VI promoveu, sob a tutela do regente, reformas religiosas maiores que se pai. Entre as mudanças revogou os seis artigos.

Agora a Inglaterra estava caminhando para sua

³ H. Bettenson, *Documentos da Igreja Cristã*, pp. 274-275.

reforma. Mas com Maria Tudor, sua sucessora, o catolicismo voltou a ter força no reino, pois ela revogara as mudanças de Eduardo VI desencadeando uma grande perseguição aos protestantes que se exilaram em outros países, como a Escócia, Suíça, etc.

O povo britânico não queria extremos religiosos, apesar de estar dividido em católicos e protestantes. Assim com a ascensão de Elizabeth ao trono, fez com que o Parlamento aprovasse o "Ato de Supremacia"⁴ em 1559 o qual lhe garantia o governo supremo do Reino.

Outras mudanças foram conseguidas e reunidas formaram os "39 Artigos". É bom lembrar que a Assembléia de Westminster teve como primeiro objetivo reformular estes artigos.

Com a morte de Elizabeth em 1603, assumiu o reinado Tiago VI da Escócia que se tornou Tiago I em Inglaterra. Tiago, com uma péssima reputação, era homossexual, deu privilégios à muitos de seus "prediletos" o que provocou o descontentamentos dos Puritanos, que

⁴ H. Bettenson, *op. cit.*, pp. 275-276.

eram os exilados que haviam voltado ao reino e que traziam novas concepções, tanto políticas como religiosas em matéria de governo eclesiástico, e os Lords que iam tendo seus privilégios reduzidos. Ambos pertenciam ao Parlamento. Os primeiros tinham lugar na Câmara dos Comuns ou Baixa e os segundos na Câmara Alta.

Outro fator que agravou o relacionamento do Rei com o povo foi sua vontade de manter a monarquia absoluta e sistema episcopal do Anglicanismo favorecia esta atitude real. Além disso, por estar muito próximo do catolicismo, tanto em doutrina como em ritual, o Anglicanismo levantou os ânimos dos Puritanos que queriam um governo eclesiástico mais bíblico, defendendo o Presbiterianismo, e também o ânimo dos Independentes ou Congregacionais que criam na independência de cada congregação.

Tiago I havia dissolvido e convocado o Parlamento por diversas vezes, por ser este o órgão que aprovava a lei que regia os impostos. A convocações e os imediatos dissolvimentos do Parlamento se processaram de acordo com a necessidade financeira do Reino que por

aqueles dias era desesperadora. A Inglaterra estava à beira da guerra civil.

Carlos I foi o rei que assumiu, em 1625, após a morte de seu pai. Casado com a irmã de Luís XIII na França⁵ Carlos I fez muitas concessões aos católicos.

Carlos cria na monarquia absoluta apoiada pelo episcopado como forma instituída divinamente e por isso lutou tentou obrigar o Parlamento à subserviência, não conseguindo, governou de 1629 a 1640 sem ele.

Sendo Rei também da Escócia, Carlos tentou impor “um novo livro de oração comum à Igreja da Escócia⁶. Isso provocou o zelo⁷ dos escoceses que atacaram e invadiram a Inglaterra e se ligaram aos Puritanos.

Novamente o Parlamento é convocado e dissolvido dias depois⁸, pois os Puritanos da Câmara Baixa não votariam fundos para o ataque aos escoceses até que fossem resolvidas as questões religiosas. Essa reunião

⁵ J.L. Gonzales, *Uma História Ilustrada do Cristianismo*, vol. 8, pp. 50-75.

⁶ E.E. Cairns, *op. cit.*, p. 277.

⁷ J.L. Gonzales, *op. cit.*, vol. 8, p. 60.

⁸ E.D. Morris, *Theology of the Westminster Symbols*, p. 40.

ficou conhecida como “Parlamento Curto” de 1640.

Com investida dos escoceses, as tropas do Rei recuaram e foi convocada uma nova reunião, que passou à história com o nome de Parlamento Longo.

A situação na Inglaterra era confusa, tanto civil como religiosamente, pois como dissemos anteriormente, estavam inter-relacionadas por ser a Igreja oficial.

Entre as decisões que foram tomadas por esse Parlamento, estava a parte que nos interessa, isto é, a convocação de uma Assembléia para orientar em matéria religiosa. Esta se reuniu na Abadia de Westminster que teve lugar durante a efervescente guerra, isto é, a guerra civil.

COMPOSIÇÃO DA ASSEMBLÉIA⁹

Para tal Assembléia foram convocados 121 ministros e 30 leigos nomeados pelo Parlamento, contando também a presença de uma comissão escocesa, pois estes

⁹ P. Schaff, *op. cit.*, pp. 731-740.

estavam no país.

E.D. Morris diz que esses ministros eram das mais diversas opiniões a respeito de doutrinas religiosas e governa da Igreja¹⁰.

Os Independentes tinham seis ou oito representantes e davam maior valor às congregações com governo próprio, e igual número eram Erastianos que defendiam a supremacia do Estado sobre a Igreja.

A maioria eram de Presbiterianos que haviam ganho proeminência depois da organização do primeiro Presbitério.

Da comitiva escocesa, primeiramente 5 ministros e 3 leigos e posteriormente foram adicionados um ministro, três anciões.

Três teólogos, Cotton, Hooker e Davenport não puderam estar presentes.

De acordo com Alexander F. Mitchell, citado por **Morris**, foram selecionados 16 leigos e 18 teólogos que

¹⁰ E.D. Morris, *op. cit.*, p. 42.

ocupariam vagas ocasionadas por morte ou ausência.¹¹

Além destes haviam também dois escribas a auxiliarem a redação dos documentos.

Interessantemente, 11 leigos e 29 teólogos não apareceram em nenhuma sessão da Assembléia. O moderador, nomeado pelo Parlamento, foi o Dr. William twise, grande erudito da época.

FUNIONAMENTO DA ASSEMBLÉIA

A Assembléia teve seu funcionamento por mais de cinco anos e meio, de Julho de 1643 a Fevereiro de 1649.

Foram feitas em média 200 sessões por ano num total de 1163. Porém, nas reuniões não apareceram todos. Na primeira convocação estiveram 69 e a média de membros reunidos era em torno de 70 a 80.

O Parlamento havia determinado as regras para o funcionamento da Assembléia, e esta, em todas as ocasiões as soube respeitar.

¹¹ E.D. Morris, *op cit.*, p. 43.

Além disso, registraram os dias de oração jejum e devocionais¹² e discursos preferidos em ocasiões como: o funeral de Twisse e outros que morreram durante a duração da Assembléia.

O início das sessões era marcado por orações, algumas delas com duração de até duas horas. Era assegurada, em todas as discussões, a participação de todos com plena liberdade de expressão.

Assim o funcionamento desta Assembléia obedeceu os padrões estabelecidos pelo Parlamento e foi conduzido até o fim pelo alto caráter de consciência de cada indivíduo que dela participou.

OS RESULTADOS DA ASSEMBLÉIA

Como o propósito primário da Assembléia era rever os "39 Artigos", as primeiras dez semanas foram dedicadas a esta finalidade¹³. Porém com a necessidade de criar uma uniformidade religiosa nos três reinos, este

¹² P. Schaff, *op. cit.*, pp. 751-752.

¹³ E.D. Morris, *op. cit.*, p. 47.

trabalho foi abruptamente interrompido para não ser mais considerado.

As questões que começaram a ser levantadas foram sobre a origem da Igreja, o modelo de adoração pública o método bíblico de organização eclesiástica, a autoridade para a disciplina, entre outras.¹⁴

Os documentos que resultaram desta Assembléia foram a Confissão de Fé, os dois Catecismos, o Diretório de Culto Público, a Forma de governo da Igreja e Ordenação e um Saltério, todos submetidos à aprovação do Parlamento.

Sem detalhar cada um deles, tomamos a Confissão de Fé, capítulo III que trata dos Decretos de Deus onde está inserida a doutrina da Predestinação.

Assim concluímos este breve histórico.

¹⁴ P. Schaff, *op. cit.*, p. 754.

CAPÍTULO II

A DOCTRINA NA HISTÓRIA DA IGREJA

Neste capítulo, sob este título, faremos uma excursão à história da Igreja, para estabelecermos o início da formulação desta doutrina e seu desenvolvimento até sua forma atual.

Como divisão dos períodos históricos da Igreja, utilizaremos a mais comumente aceita pelos historiadores eclesiásticos, apesar de W. Moeller mostrar que há várias posições quanto ao assunto, dando em sua obra as divisões de Kraus, Rothe, Hasse,

Kurtz, entre outros.¹⁵

A divisão mais aceita é a seguinte:¹⁶

1. Até 590 A.D. – Igreja Antiga
2. 590 até 1517 – Igreja Medieval
3. a partir de 1517 – Igreja Reformada

Não são unânimes os autores, mas estão em termos de data, muito próximos nos respectivos períodos.

Assim nossa abordagem será dentro dos três períodos que citamos acima. E em cada um deles verificaremos, como a Igreja se posicionou em relação a doutrina, ora estudada.

1. A DOCTRINA NA IGREJA ANTIGA (até 590 A.D)

"Até a época de Agostinho a Predestinação não constituiu, na história, um assunto importante de discussão"¹⁷

¹⁵ W. Moeller, *History of the Christian Church A.D. 1-100*, pp. 4-6.

¹⁶ G.P. Fisher, *History of the Christian Church*; W. Moeller, *op. cit.*; P. Schaff, *History of the Christian Church*, vols. II, III, IV; W. Walker, *História da Igreja Cristã*; R. H. Nichols, *História da Igreja Cristã*.

¹⁷ L. Berkhof, *Teologia Sistemática*, p. 128.

Com estas palavras Berkhof dá um salto direto para Agostinho em matéria da história desta doutrina.

Com Ele compartilha Boettner dizendo:

“... a doutrina da Predestinação não foi feita, matéria de especial estudo até quase o fim do século quarto”.¹⁸

Assim poderíamos entrar diretamente em Agostinho. Mas há algumas referências a um antecessor de Agostinho e dois contemporâneos dele que são: Orígenes (185-251/4?), Ambrósio (340-397) e Jerônimo (347-420). E é Calvino quem a eles se refere.¹⁹

ORÍGENES, AMBRÓSIO E JERÔNIMO

Berkhof mostra que os Pais da Igreja não tiveram uma concepção muito clara da Predestinação e a atribuíram quando a ela se referiram, à presciência de Deus.²⁰ Isto

¹⁸ L. Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination*, p. 365.

¹⁹ J. Calvino, *Institución de la Religión Cristiana*, Livro III, cap. XXIII, § 8.

²⁰ L. Berkhof, *op. cit.*, p. 128.

é, Deus predestinou porque previu fé ou a falta dela nos homens.

Calvino mostra que alguns sustentavam que Orígenes, Ambrósio e Jerônimo, escreveram que:

"...Deus distribui sua graça entre os homens segundo Ele sabe que cada um há de usar bem dela."²¹

Portanto, isso confirmaria a posição de Berkhof em relação a opinião dos pais da Igreja. Cabe lembrar que esses "alguns" a quem Calvino se refere são os Pelagianos, pois foi Pelágio que invocou o testemunho desse Pais para firmar sua doutrina sobre a Predestinação condicional, germe do Arminianismo.

Contudo, não podemos concluir categoricamente que eles referiram-se à esta doutrina somente como presciência. Pois pelo menos Ambrósio diz:

"...sobre quem Ele teve misericórdia Ele também o chamou."

e também:

²¹ J. Calvino, *idem, ibidem*.

"Se Ele tivera sido propenso, Ele teria feito devoto aos que não eram devotos."

e ainda:

"Mas Deus chama esses a quem Ele faz digno e faz religiosos a quem Ele quer."²²

Portanto não seria justa a generalização categórica de que os Pais da Igreja entenderam-se sempre como presciência.

AGOSTINHO

Este foi o grande nome da Igreja Antiga e também tratou da Predestinação. No início sua idéia sobre Predestinação era na base da presciência, vejamos:

"Eu fui carregado sem meu raciocínio para o ponto, do provérbio: Deus não escolheu, portanto, as obras de qualquer um na presciência de que Ele mesmo quer dar, mas escolheu a fé, na presciência, daquele que pretende chamar muitas pessoas que ele soube de antemão que acreditaria Nele –

²² *Ambrose, on Luke*, apud Agostinho, *On the Gift of Perseverance*, In: *The Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*, vol. V, p. 546.

*para os quais Ele quer dar o Espírito Santo, portanto aqueles que fazendo boas obras, assim pode obter a vida eterna.*²³

Este extrato faz parte do reconhecimento do seu erro sobre a graça de Deus. Erro do qual já havia se retratado (cf. *Retractations*, Livro I, cap. 23). A partir disso Agostinho dá mostra, em várias passagens, da sua atual posição, por exemplo, no Sermão L ele diz:

*"Mas se ela é graça, ela é gratuitamente dada".*²⁴

Outro exemplo, podemos encontrar no *The Enchiridion*, onde ele trata deste assunto no capítulo 98 sob o título: "Predestinação para a vida eterna é totalmente livre da graça de Deus".²⁵

Vemos outra referência à Predestinação no *On Patience* onde, citando Romanos 11.5-6, mostra que a mesma graça que elegeu o apóstolo, elege também os homens, vejamos:

²³ Agostinho, *On the Predestination of the Saints*, cap. 7, In: *idem*, vol. V, pp. 500-501.

²⁴ *Idem*, *Sermons on New Testament Lessons*, In: *idem*, vol. VI, p. 421.

²⁵ *Idem*, *The Enchiridion*, cap. 98, In: *idem*, vol. III, p. 268.

*"Esta é a eleição da graça, é essa, eleição na qual a graça de Deus, os homens são eleitos da graça que foi feita antes de todos os bons méritos dos homens."*²⁶

Ainda encontramos esta doutrina nos "Tratados LXXXVI (cap. XV, 15,16) e LXXXVII (cap. XV, 17-19)" sobre o Evangelho de João. Referindo-se ao verso 16 capítulo XV Agostinho diz:

*"Aqui certamente é fato o vaidoso raciocínio daqueles que defendem a presciência de Deus em oposição, à Sua graça, e com esta visão declaram que nós somos chamados antes da fundação do mundo, por que Deus sabia de antemão que nós seríamos bons, mas não que Ele mesmo nos faria bons."*²⁷

E ainda mostra que a escolha é somente pela graça:

"E assim estes homens foram eles mesmos também deste mundo, e, eles não podem ser por mais tempo dele foram chamados para fora dele, não através de seus méritos, nem pela natureza, que pela vontade livre tornou-se totalmente corrompida na fonte: mas

²⁶ Idem, *On Patience*, §17, In: *idem*, vol. III, p. 533.

²⁷ Agostinho, *Lectures or Tractates on the Gospel According of St. John*, Trac. LXXXVI, In: *idem*, vol. VII, p. 353.

*gratuitamente, isto é, pela graça atual.*²⁸

Poderíamos localizar outras menções à esta doutrina, ainda que essas referências bastem para estabelecermos o pensamento de Agostinho com referência a Predestinação.

Entretanto, Agostinho foi muito longe. Ele escreveu dois longos tratados nos quais trata exaustivamente da doutrina. Estes tratados são: A TREATISE ON THE PREDESTINATION OF THE SAINTS²⁹, com 43 capítulos e A TREATISE ON THE GIFT OF PERSEVERENCE³⁰, com 68 capítulos. Nesses tratados Agostinho desenvolve todos os aspectos da doutrina.

Como sempre o desenvolvimento das doutrinas está ligado com controvérsias que surgiram devido a alguma posição que pareceu ser uma heresia.

Não foi diferente com a Predestinação. Esses escritos de Agostinho foram caracterizados como “Escritos

²⁸ Idem, *Ibidem*, Trac. LXXXVII, In: *idem*, vol. VII, p. 355.

²⁹ Idem, *A Treatise on the Predestination of the Saints*, In: *idem*, vol. V, pp. 497-519.

³⁰ Idem, *A Treatise on the Gift of Perseverance*, In: *idem*, vol. V, pp. 525-552.

antipelagianos”, na grande controvérsia Pelagiana.

Esses dois tratados foram de tal profundidade que nenhum outro escrito, até hoje, pode superá-los nesta matéria. O que surgiu depois foi apenas interpretações de Agostinho.

Portanto, pudemos ver como a doutrina evolui da simples presciência, como pensavam alguns Pais da Igreja, para tomar a sua forma definitiva e global, de uma Predestinação incondicional com todas as suas conseqüências, naquele que foi o formulador e expositor desta doutrina: Agostinho.

2. A DOCTRINA NA IGREJA MEDIEVAL (590 – 1517)

A Igreja na Idade Média foi marcada pelo crescente paganismo e pelo desenvolvimento da salvação sacramental isto é, salvação por meio dos sacramentos, que em última instância seria a salvação pelas obras.

Até a eleição de Hildebrando como Papa, o qual tomou o nome de Gregório VII, em 1073, a Igreja estava toda mergulhada no obscurantismo, tanto moral quanto teologicamente. E este Papa resolveu algumas

mudanças na Igreja que já eram ansiadas pelo Papa precedentes. Foi também a época da reforma na vida monástica, como a reforma “Cisterciense” ocorrida em Citeaux.

Porém, ao ideais da Igreja não se restringiram somente a isso, mas alcançou também a área teológica e é aqui que surge dois grandes vultos da teologia medieval: São Bernardo (1090 – 1153) e São Tomaz de Aquino (1125 – 1274).

Houve outras grandes mentes neste período tais como; Anselmo de Canterbury (1033-1109), Abelardo (1079-1142).

É preciso lembrar também que já no nono século o monge Gottschalk³¹ (805-868?) foi aprisionado e condenado por pregar a doutrina da dupla da Predestinação. Foi protagonista de uma controvérsia a esse respeito com John Scotus Eriugena (800-880)³².

Entretanto, para o nosso propósito ficaremos apenas com Bernardo e Aquino como representantes do

³¹ L. Boettner, *op. cit.*, p. 367.

³² V. Ferm (ed.), *Encyclopedia of Religion*, verb. *Gottschalk* e *Eriugena*

pensamento medieval com respeito a essa doutrina.

SÃO BERNARDO

Para visualizarmos como Bernardo concebeu essa doutrina, verificaremos alguns excertos de suas obras.

Vejamos o Sermão 78 da série "Sermões sobre Cantares" cujo título é "A Esposa, ou seja a Igreja dos eleitos, foi Predestinada por Deus antes de todos os séculos e prevenida por ele para que o buscasse e se convertesse a Ele"³³.

O título por si só já deixa antever a linha de argumentação de Bernardo, Porém, vejamos tais argumentos:

"...há três coisas que para si Deus reclama como autor...: a predestinação, a criação, a inspiração. A predestinação não tem começado com a Igreja, nem ainda com o mundo, senão que é desde toda eternidade e antes de todos os tempos. (...). Segundo a predestinação, a Igreja dos eleitos tem

³³ S. Bernardo, *Sermones sobre los Cantares*, In: *Obras Completas de San Bernardo*, vol. II, pp. 522-523.

*estado sempre em Deus.*³⁴

Citando Romanos, 8.29-30 no Sermão 4 “No Domingo Primeiro de Novembro” ele confessa o seguinte:

*“Assim, meu princípio é de que só a graça e não tenho coisa alguma que atribuir-me na predestinação ou vocação.”*³⁵

Numa carta a Tomaz, presbítero de Bevarley³⁶, Bernardo mostra que a justificação é fruto de predestinação. Noutro lugar Bernardo diz o seguinte, comentando I João 3.9:

“Esta semente celeste é a eterna predestinação, pela qual Deus amou gratuitamente seus eleitos no seu filho antes da criação do mundo, contemplando – os com seu olhar favorável, a fim de fazê-los dignos de ver os esplendor de sus glória e sua potência e dar-lhes parte na herança daquele à cuja imagem devia conformá-los.”³⁷

³⁴ Idem, *Ibidem*, In: *idem*, vol. II, p. 525.

³⁵ Idem, *Sermones de Tiempo*, In: *idem*, vol. I, p. 607.

³⁶ Idem, *Cartas n.º 107*, In: *idem*, vol. II, pp. 1156-1163.

³⁷ Idem, *Sermones sobre los Cantares - Três maneras de Contemplar a Dios*, In: *idem*, vol. II, p. 155.

Em todas essas referências podemos ver, como disse um comentador das obras de Bernardo, que:

*"Também nesse ponto (predestinação) São Bernardo é claramente agostiniano."*³⁸

Contudo, não podemos ser radicais nesta afirmação levando-a ao ponto extremo, pois quando Bernardo trata da graça em relação ao livre arbítrio, que para ele é a vontade humana, diz que:

*"Neste sentido "que o livre arbítrio consente em receber a graça de Deus) é verdade dizer que o livre arbítrio coopera com a graça, que opera nossa salvação quando dá seu consentimento, é dizer, quando opera sua salvação, posto que consentir a graça e fazer sua salvação é a mesma coisa."*³⁹

O que, podemos entender do texto, no seu contexto, é que a pregação da salvação pelas obras estava no seu auge e esta era a preocupação daqueles dias: Como reconciliar a graça com os méritos?

³⁸ Pedro de Ribadeneira, In: *Obras Completas de San Bernardo*, vol. I, pp. 85-87.

³⁹ Idem, *Tratados, De la Gracia y Del Libre Albedrio*, cap. I, In: *idem*, vol. II, p. 933.

Assim, podemos deduzir que Bernardo é fruto de sua época e não devemos desprezar sua nítida visão da doutrina da predestinação por causa da maneira que ela entendeu certos aspectos ou mesmo os aceitou.

Portanto, na linha mestra do pensamento Bernardino, acerca desta doutrina, encontramos um teólogo profundamente Agostiniano.

SÃO TOMÁS DE AQUINO

Tomás de Aquino foi outro expoente dessa época de mudanças. Em sua monumental "Suma Teológica" encontramos uma questão a respeito da predestinação a qual nos restringiremos. Vejamos alguns trechos desta obra. Sobre a questão "Se Deus predestina" (art. 1).

"Eu respondo: é exato dizer que Deus predestina os homens. Nós temos mostrado que todas as coisas são governadas pela Divina providência (Q. 22, Art.4), e que a providência ordena as coisas para seu fim

(Q.22, Art. 1 e 2).⁴⁰

Neste contexto ele coloca a predestinação como parte da providência:

*"..., que a predestinação é uma parte da providência se considera na relação com seus objetos."*⁴¹

Na questão sobre "Se a predestinação implica em alguma coisa no predestinado" (Art.2):

*"Eu respondo: predestinação não está em qualquer coisa no predestinado. Ela está exclusivamente aquele que predestina."*⁴²

Sobre a questão da presciência dos méritos para predestinar, Aquino trata no Art. 5 "Se a presciência dos méritos é a causa da predestinação". Neste artigo ele mostra que os méritos não são a causa e sim o efeito da predestinação e podemos tomar uma frase sua pra confirmar o argumento:

"Ninguém tem sido assim tão tolo a ponto de dizer que os méritos são a causa do ato divino"

⁴⁰ Tomas de Aquino, *Of Predestination, in Nature and Grace*, p. 102.

⁴¹ Idem, *Ibidem*, In: *idem*, p. 102.

⁴² Idem, *Ibidem*, In: *idem*, p. 104.

pelo qual Deus predestina."⁴³

Das outras questões⁴⁴, podemos ver somente as respostas que lançarão mais alguma luz sobre o que pensava Aquino. Vejamos:

Questão: *Se Deus rejeita alguns homens (Art.3)*

"Eu respondo: Deus rejeita alguns homens"

Questão: *Se a predestinação é certa (Art.6)*

"Eu respondo: A predestinação obtém seus efeitos muito certamente e infalivelmente"

Questão: *Se o número de predestinados é certo (Art. 7)*

"Eu respondo: o número de predestinados é certo"

Assim podemos ver que Aquino segue a linha de Agostinho na sua formulação doutrinária a respeito da predestinação.

Apesar disso Calvino vê uma "sutileza" em Tomás, no

⁴³ Idem, *Ibidem*, In: *idem*, pp. 108-109.

⁴⁴ Idem, *Ibidem*, In: *idem*, pp. 105, 112, 114 e 115.

que diz respeito a presciência dos méritos como causa da predestinação. Calvino faz-nos ver que tal “sutileza” é uma contradição de termos, citando para isso uma obra de Aquino que não dispomos.⁴⁵

Porém, quero crer que Aquino vivia sob o ensino da “graça cooperante” dos escolásticos, isto é, a faculdade que o homem tem para fazer o bem em cooperação ativa com a graça de Deus e por isso tenta harmonizar a “graça” com os “méritos” humanos.

Este esforço é claro em seu “Tratado na Graça”, questões 109-114.⁴⁶ Esforço semelhante faz Bernardo.

Antes de encerrar as considerações no período Medieval, é bom fazermos ao menos uma referência a WYCLIFFE, (1320-1384), que alguns lhe atribuem o título de “Estrela da Manhã da Reforma”.

Wycliffe foi uma voz que proclamou a predestinação. Diz Boettner:

“Wycliffe foi um reformador do tipo

⁴⁵ J. Calvino, *Institución de la Religión Cristiana*, Livro III, cap, XXII, § 9.

⁴⁶ T. Aquino, *Treatise on Grace – Prima Secundae*, In: *Nature and Grace*, pp. 137-156.

*Calvinista, proclamando a absoluta soberania de Deus e a pré-ordenação de todas as coisas.*⁴⁷

E ainda Herman Hausheer diz a seu respeito:

*"Como seus grandes contemporâneos ele mostrou um renovado interesse na "Cidade de Deus" de Agostinho, de quem a graça predestinativa permitiu a ele estabelecer uma nova concepção idealística da Igreja e o exercício de uma crítica penetrativa da doutrina sacramental.*⁴⁸

Assim, temos em Wycliffe um outro expoente medieval da predestinação.

Portanto, podemos concluir o período medieval entendendo que a doutrina de Agostinho sobre a predestinação foi mantida, apesar da doutrina sacramental da Igreja e da graça cooperante escolástica, terem posto Bernardo e Aquino em uma situação difícil ante a exigência de querer harmonizar a graça com méritos ou livre arbítrio.

⁴⁷ L. Boettner, *op. cit.*, p. 367.

⁴⁸ V. Ferm, *op. cit.*, p. 833.

3. A DOCTRINA NA IGREJA REFORMADA (a partir de 1517)

Até o século XVI a Igreja esteve mergulhada no que conhecemos como “A época das trevas”, tanto moral como teologicamente.

Contudo, como vimos, não faltaram os homens que mantiveram a chama da fidelidade acesa, ainda que às vezes tenuamente.

Agora chegamos ao que se denominou “Reforma Protestante”, que teve como estopim a afixação, por Lutero (1483-1546), da 95 teses na porta da Igreja do castelo de Wittemberg. Era 1517. Para se Ter uma noção do que foi a Reforma em termos da doutrina da predestinação, ouçamos Boettner:

“A Reforma foi essencialmente um reavivamento do Agostianismo. (...). É para ser lembrado que Lutero, o primeiro líder da Reforma, foi um monge Agostiniano e que foi nesta rigorosa teologia que ele formulou o seu grande princípio de justificação pela fé. Lutero, Calvino, Zwinglio e todo os outros proeminentes reformadores deste período foram marcadamente predestinacionistas. (...). Melancton nos seus primeiros escritos

designou o princípio da predestinação como o "princípio fundamental do Cristianismo."⁴⁹

Neste excerto podemos ver que muitos se constituíram naqueles que defendiam a predestinação. Entretanto ficaremos somente com seu maior expositor desta época: Calvino (1509-164), cuja lucidez e profundidade produziu a grande obra da Igreja Cristã a "Instituição da Religião Cristã".

Posteriormente a predestinação viria a ser a marca registrada dos reformados ou calvinistas. Faremos apenas algumas considerações nesta monumental obra de Calvino.

Podemos afirmar, sem medo de errar, que Calvino foi um grande interprete de Agostinho em vários pontos, e na predestinação de modo especial. Basta para comprovarmos isso, verificarmos que o testemunho de Agostinho é invocado por mais de 30 vezes nos capítulos XXI a XXIV do livro III, onde Calvino trata especificamente da predestinação.

Seria por demais dispendiosa a tarefa de citar ou

⁴⁹ L. Boettner, *op. cit.*, p. 367.

transcrever toda a abordagem que Calvino faz desta doutrina, por isso entendemos que em breve resumo do ensino de Calvino a respeito bastará para termos uma noção precisa de como ele desenvolveu e concebeu o pensamento de Agostinho. Para tanto usaremos as suas próprias palavras:

"Dizemos pois – como a Escritura o demonstra com toda evidência – que Deus tem designado para sempre em seu eterno e imutável conselho aqueles que quer que se salvem e também aqueles que quer que se condenem. Dizemos que este conselho, porque toca aos eleitos, se funda na misericórdia gratuita divina sem respeito algum a dignidade do homem; ao contrário, que a entrada da vida está fechada para todos aqueles que Ele quis entregar à condenação; e isto se faz for Seu secreto e incompreensível juízo o qual, entretanto é justo e irreprovável."

Assim mesmo ensinamos que a vocação dos eleitos é um testemunho de sua eleição; e que a justificação é outra marca e nota deles, até que entrem no gozo da glória, na qual consiste seu cumprimento. E assim como o Senhor marca aqueles que tem elegido, chamando-os e justificando-os; assim, pelo contrário, ao excluir os

réprobos do conhecimento do seu nome ou da santificação de seu Espírito, mostra com estes sinais qual será seu fim e que juízo lhes está preparado.⁵⁰

Com esse resumo temos a posição do grande reformador de Genebra sobre tal doutrina. Doutrina que veio, como já dissemos, a tornar-se a marca registrada da Igreja Reformada. Mas logo surgiram oposições a ela.

No tempo de Agostinho havia o pelagianismo. Agora era o arminianismo que se opunha à doutrina.

CONCLUINDO

Podemos verificar de maneira bastante rápida o desenvolvimento desta doutrina através da história da Igreja.

O que podemos concluir é que em Agostinho a predestinação tomou a forma que prevaleceria na posteridade. Nem a grande pressão da doutrina sacramental da Igreja Medieval conseguiu sufocar ou

⁵⁰ J. Calvino, *op. cit.*, Livro III, cap. XXI (final)

deturpar tal doutrina. Bernardo, principalmente, manteve-se sempre muito perto de Agostinho e Tomaz de Aquino, apesar de algumas “sutilezas”, conservou-se na mesma linha Agostiniana.

Com a reforma a quase esquecida predestinação voltou a ocupar o seu devido lugar dentro da teologia cristão.

Porém, notamos que tal desenvolvimento na verdade não foi alcançado sem muitas disputas e controvérsias (Pelagianismo, Arminianismo). E também não evoluiu por si só, mas desenvolveu-se intimamente ligada a outras doutrinas, tais como: Graça, Livre arbítrio, Fé e outras.

Assim a expressão desta doutrina, podemos dizer, se manifesta atualmente, no Calvinismo, contudo afirmamos que na Idade Média foi manifestada no Bernardismo, na Igreja Antiga no Agostinianismo e finalmente expressa numa doutrina eminentemente Paulina, isto é, uma doutrina profundamente bíblica, que teve sua evolução histórica como tentamos mostrar neste capítulo.

CAPÍTULO III

A DOCTRINA

Uma vez estabelecido o desenvolvimento na história desta doutrina tentaremos, agora, definir a doutrina da perspectiva das Confissões de Fé e dos Teólogos.

I. DEFINIÇÃO

O que pretendemos é olhar as definições e registra-las, tentando verificar os elementos básicos que as compõem, antes de entrarmos na discussão específica da Tese. Lembrando que será uma definição da doutrina e por isso bastante geral.

1. Nas Confissões

As confissões de Fé, como expressão do que crêem os grupos que a formula, podem nos dar uma visão panorâmica do pensamento deste grupo reformados acerca da predestinação.

a. Confissão de Basiléia Art. 1, Seção 3

*"Nós confessamos, que Deus, antes de ter criado o mundo, elegeu todos aqueles a quem Ele quis dar, livremente, a herança da eterna bem-aventurança. Romanos 8.29,30, Efésios 1.4-6."*⁵¹

Esta Confissão considera a predestinação, do ponto de vista supralapsariano, isto é, Deus elegeu os homens antes de cria-los. Mostra ainda o aspecto da livre graça de Deus, "livremente", excluindo com isso qualquer condição de mérito humano. Finalmente, a Confissão de Basiléia mostra os objetivos da predestinação, citando Romanos e Efésios, resumindo-os na expressão "herança da eterna bem-aventurança".

⁵¹ Peter Hall, *The Harmony of Protestant Confessions*, p.83

b. Confissão da Bélgica Art. 16

"Nós acreditamos que Deus (...) é misericordioso e justo: misericordioso, porque livrando o homem e salvando da condenação e da morte aqueles que em Seu eterno conselho, de Sua livre bondade, Ele escolheu em Cristo Jesus nosso Senhor, sem nenhuma consideração de todas nossas obras, mas justo, deixando o restante em sua queda e perdição, onde eles mesmos se precipitaram".⁵²

Nesta Confissão vemos a base em que Deus trata o homem: misericórdia ou justiça. Isso determina a dupla predestinação. É enfatizando a culpa do homem que está na condição de condenação. Deus simplesmente o deixa nela, contemplando com Sua misericórdia aqueles a quem Ele quer, isto é, a quem Sua livre vontade determina. Temos nessa Confissão o Senhor Jesus reconhecido como o meio por qual os homens são salvos. É enfatizado que nada há no homem que mereça de Deus alguma consideração.

⁵² Idem, *Ibidem*, p.84

c. Confissão da França Art. 12

"Nós cremos (...), Deus livra e preserva alguns homens, que, pelo seu eterno e imutável conselho, de Sua bondade e misericórdia, sem nenhuma atenção para nossas obras, Ele escolheu em Jesus Cristo; e outros Ele deixou em sua corrupção e condenação, nos quais Ele assim manifesta Sua justiça, condenando-os justamente (...).⁵³"

Somente esta parte que se transcreveu do artigo nos é suficiente para ver a posição da Confissão francesa face a predestinação.

Novamente é abordada a doutrina da predestinação incondicional, onde somente o conselho da vontade de Deus é que conta, não se levando em conta nenhum mérito humano. A pessoa de Cristo é também mencionada como Aquele em quem Deus elegeu os homens. Finalmente a Confissão nos mostra que o Senhor Deus deixou alguns homens à sua própria sorte ou estado, manifestando assim a sua justiça.

⁵³ Idem, *ibidem*, p.83

d. Confissão da Escócia Art. 8- Da Eleição

"Pelo mesmo eterno Deus e Pai, que de mera graça elegeu-nos em Cristo Jesus Seu Filho, antes da fundação do mundo (...)."54

Na Confissão escocesa é desenvolvido o tema, "Em Cristo", isto é, esse artigo nos mostra como se consumou a eleição no tempo. A idealidade de Jesus para ser mediador entre o homem e Deus. O poder que nos foi dado para crermos Nele. Sua divindade e humanidade, etc. Sempre se exalta o modo da eleição, isto é, pela graça de Deus.

e. Segunda Confissão Helvética cap. 10 Da predestinação

"Deus desde o início livremente, e de Sua mera graça, sem nenhuma consideração do homem, predestinou ou elegei os santos, que Ele salvará em Cristo,."55

A Confissão Helvética é uma das que mais desenvolve

⁵⁴ Idem, *ibidem*, p.83

⁵⁵ Idem, *ibidem*, p.81

este assunto, senão a única que dá, praticamente, todos os detalhes. O início constitui-se na base: A Graça, e o assunto é desenvolvida dentro de uma seqüência ordenada, vejamos a causa da eleição, ela enfatiza que o meio é Cristo e que o instrumento é a fé em Cristo.

Continua desenvolvendo o tema, mostrando os fins (Ef 1.4-6); a certeza de que existe um número limitado e certo de eleitos; a necessidade de ensinar a doutrina, etc.

f. Confissões de Augsburg e da Saxônia

A Confissão de Augsburg faz menção à predestinação no Art. 20, sob o título "Da Fé":

"Aqui não é necessário a discussão da predestinação..."⁵⁶

A Confissão da Saxônia em seu Art. 3 faz uma menção no mesmo sentido:

⁵⁶ Idem, *ibidem*, p.176

*"E por que no arrependimento nós propomos conforto à consciência, nós não fazemos aqui acréscimo de questões da predestinação ou eleição."*⁵⁷

Assim vemos que as duas Confissões admitem a doutrina, mas não a discutem.

g. **Confissão de Westminster cap.3, seções III a VIII**⁵⁸

A Confissão de Fé de Westminster, tem sido o documento sobre o qual temos trabalhado. Portanto, importante pois expõe em detalhes a doutrina.

Seção III

"Pelo decreto de Deus e para a manifestação da Sua glória, alguns homens e alguns anjos são predestinados para a vida eterna e outros para a morte eterna."

Nesta seção temos descrita a finalidade e os objetivos da predestinação. A finalidade, a glória de Deus; os

⁵⁷ Idem, *Ibidem*, pp.194-195.

⁵⁸ *Confissão de Fé e Catecismo Maior da IPB*, pp.8-10.

objetos, homens e anjos.

A. A. Hodge comentando a Confissão de fé diz o seguinte a respeito desta seção:

*"O fim último ou o motivo de Deus na eleição é o louvor de sua gloriosa graça."*⁵⁹

O teólogo J. Macpherson escreve o seguinte:

*"Como sua finalidade- Ele é imutável em si mesmo e com respeito a seus objetivos, perfeitamente definido."*⁶⁰

Seção IV

"(...), são particular e imutável designados; o seu número é tão certo e definido, que não pode ser aumentado nem diminuído."

Esta seção ensina a imutabilidade do número dos eleitos. Este número não pode ser jamais alterado. Ouçamos A. A. Hodge:

*"Esta determinação é imutável."*⁶¹

⁵⁹ A. A. Hodge, *A Commentary on the Confession of Faith*, p.103.

⁶⁰ J. Macpherson, *The Westminster Confession of Faith*, p.48.

⁶¹ A. A. Hodge, *A Commentary on the Confession of Faith*, p.103.

Seção V

"(...), ele escolheu de sua mera e livre graça e amor, e não por previsão de fé ou boas obras e perseverança nelas, ou qualquer outra coisa na criatura que isso o movesse, como condição ou causa."

Podemos afirmar que a intenção desta seção é mostrar que a condição ou a causa da eleição é a livre graça de Deus e não os méritos dos homens ou a presciência de Deus, prevendo a fé dos homens.

J. Macpherson diz que:

"A eleição é em Cristo, e esta eleição toma lugar sem considerar nenhum mérito da parte do eleito, se de fé ou de obras."⁶²

Seção VI

"(...), preordenou todos os meios conducentes a esse fim (...)."

Aqui temos a "preodernação" dos meios para levar a cabo a predestinação. Mostra-nos esta seção que por intermédio da fé, operada pelo Espírito Santo, os meios

⁶² J. Macpherson, *op.cit.*, p.49

que conduzem ao fim desejado por Deus.

A próxima seção (VII) nós entendemos que é uma, quase, repetição da seção III, com respeito aos réprobos, na verdade uma ampliação deste assunto.

A Confissão de Fé encerra o assunto (seção VIII), mostrando o cuidado que devemos ter ao tratar esta doutrina e os resultados para os eleitos, isto é:

"(...) motivo de louvor, reverência e admiração de Deus, bem como de humildade, diligência e abundante consolação."

Através deste panorama das Confissões, fica claro que todas entendem a predestinação de uma forma mais ou menos uniforme. Os elementos dessas definições são mais ou menos desenvolvidos ou não dependendo da ênfase que cada uma atribui particularmente. Nessas definições, nos é possível encontrar os seguintes elementos básicos que fazem parte de todas elas, a saber:

- a. A eleição é somente pela graça
- b. Os objetos da eleição são homens e anjos
- c. A dupla predestinação
- d. Os fins e os meios são preordenados

e. Deus mostra-se misericordioso e justo

Portanto, uma definição tentativa, das Confissões seria:

"A predestinação é um ato livre de Deus que escolhe alguns homens para a vida eterna e deixa o restante para a sua própria condenação. Nos primeiros mostra a Sua misericórdia, nos segundos a Sua justiça. Ainda esse mesmo Deus, para o louvor de Sua glória, determina os meios pelos, afim de que o homem seja salvo."

2. Nos Compêndios

Passaremos a ver agora como os teólogos a definiram. Para isso tomaremos várias definições. Começaremos com Agostinho:

"Algum homem se atreverá a dizer que Deus não conheceu antes aqueles a quem Ele pretende designar para crer, ou quem ele quer dar para Seu Filho, dos quais Ele mostra que nenhum se perderá? E certamente, se Ele conheceu antes estas coisas, como ele certamente conheceu antes na Sua bondade, donde Ele condescende em livra-los. Esta é a

*predestinação dos santos- nada mais- ...*⁶³

Esta definição de Agostinho não é ampla e por isso não contém todos os elementos que ele menciona em seus dois tratados sobre a doutrina. Porém, tal definição nos faz ver que o princípio da graça de Deus domina toda a orla de discussão, sendo que Deus dá a fé aos eleitos, entregando-os à responsabilidade, de seu Filho.

Nesta linha, veremos como Calvino definiu a doutrina:

*"Chamamos predestinação o eterno decreto de Deus, pelo qual tem determinado o que quer fazer de cada um dos homens. Porque Ele não os cria a todos com a mesma condição, senão que ordena uns para a vida eterna, e outros para a condenação perpétua. Portanto, segundo o fim para qual o homem é criado, dizemos que está predestinado à vida ou à morte."*⁶⁴

Notamos que em relação a Agostinho, Calvino não tem uma preocupação com a presciência que Agostinho teve ao tentar mostrar que apesar de Deus ter presciência

⁶³ Aurélio Augustin, *On the Gift of Perseverance*, Chap. 35, In: *Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church, St. Augustin*, Vol. V, p.539.

⁶⁴ J. Calvino, *Institución de la Religión Cristiana*, L.III, cap. XXI, §5.

de tudo, não foi ela que determinou a eleição dos homens.

Porém, a preocupação básica de Calvino é demonstrar em sua definição, que todos os homens são alvos dos decretos de Deus, seja para a salvação ou para a condenação.

Já o teólogo Augustus Hopkins Strong, tem em sua definição a ênfase na gratuidade de Deus, asseverando que não há mérito algum dos homens que possa mover Deus a contempla-los. Vejamos:

*"Eleição é aquele ato eterno de Deus pelo qual, em Seu soberano prazer e não por causa de mérito previstos neles (homens), Ele escolheu certo número dentre os homens pecadores, para serem recipientes da graça especial de Seu Espírito e deste modo fazelos, voluntariamente, participantes da salvação em Cristo."*⁶⁵

Assim podemos verificar que em cada definição dada há uma ênfase em certo elemento. Por exemplo, L. Berkhof enfatiza o aspecto do "Conselho de Deus" em relação

⁶⁵ A. H. Strong, *Systematic Theology*, vol. III, p.779.

aos homens.

*"O conselho de Deus com respeito aos homens caídos incluindo a soberana eleição de alguns e a justa reprovação do restante."*⁶⁶

Em sua apreciação do capítulo III da Confissão de fé de Westminster, L. Boettner mostra como a predestinação está intimamente ligada ao conselho de Deus, fato correspondente a Berkhof, e como é este conselho.

*"Esta doutrina da predestinação representa o propósito de Deus como absoluto e incondicional, inteiramente independente da criação finita, e como origina do eterno conselho de Sua vontade."*⁶⁷

Para contemplar as definições, transcreveremos, apenas mais uma de J. J. van Oosterzee:

*"Quando nós falamos de predestinação, nós expressamos a confissão que todo crente, que é salvo de acordo com a vontade de Deus que os chamou e os elegeu, como distintos dos incrédulos, para a vida eterna."*⁶⁸

⁶⁶ L. Berkhof, *Teologia Sistemática*, p.128.

⁶⁷ L. Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination*, p.13.

⁶⁸ J. J. van Oosterzee, *Christian Dogmatics*, p.448.

Creio que com essas várias definições⁶⁹ podemos ter uma idéia dos elementos contidos nelas, os quais vamos tentar resumi-los:

- a. A eleição não tem em conta os méritos humanos
- b. A eleição tem por conta o decreto eterno e imutável de Deus
- c. São eleitos em Cristo
- d. Os objetos da eleição são as criaturas racionais
- e. A dupla predestinação é evidente

Comparando com a relação da p.34, temos uma uniformidade quanto aos elementos. Porém, não temos explicitamente, se compararmos essas definições com as confissões de fé, o elemento da finalidade ou os propósitos da eleição e isso nos remete para a discussão do tema deste trabalho, isto é, O Propósito de Deus na Eleição, é Conformar os Escolhidos à Imagem de Cristo.

⁶⁹ Outras definições: H. B. Smith, *System of Christian Theology*, pp. 505-506; J.C. Crane, *Systematic Theology, A Compilation*, p.236.

CAPÍTULO IV

ARGUMENTO TEOLÓGICO

Dentro deste capítulo pretendemos fazer a revisão da literatura e uma discussão teológica dentro do campo de um único aspecto da eleição, a saber: o elemento da finalidade ou propósito da eleição.

A pergunta fundamental que fazemos é: Qual o propósito de Deus na eleição do homem? Será único? Será vários?

I. Confissão de Fé

Começamos pelo documento confessional que temos adotado para trabalhar, isto é, a Confissão de Westminster. Alguns extratos nos servirá para mostrar

como a Confissão propõe os propósitos, vejamos:

"para a manifestação da Sua glória" (seção III)

"...para o louvor de Sua gloriosa graça,..." (seção V)

"...destinou os eleitos para a glória,..." (seção VI)

"...para a glória de Seu soberano poder sobre as criaturas..., para o louvor de Sua gloriosa justiça..." (seção VII)

Podemos perceber que em três seções (III, V e VII), o propósito da eleição é a glória da pessoa de Deus. O propósito é visto em relação ao autor da eleição. Em apenas uma seção (VI) a finalidade é vista em relação ao homem, isto é, em relação ao objeto da eleição. Para nós, nesse trabalho, é esta a seção que nos dá a primeira pista da finalidade da eleição do homem, quando diz:

"...destinou os eleitos para a glória,..."

Nela podemos entender perfeitamente que "a glória"

refere-se à salvação.⁷⁰ Assim temos um propósito de Deus na eleição do homem: a salvação. Mas será que é só este?

II. Teólogos

A princípio podemos dizer que não, pois o teólogo Berkhof vê dois propósitos na eleição: a salvação e a glória de Deus.⁷¹ Verifiquemos outros estudiosos a esse respeito.

Agostinho nos mostra que o propósito da eleição é a santidade e que fomos eleitos, não por causa de sermos santos, mas na ordem de assim sermos. Ele argumenta, baseado em Efésios 1.3ss, que esta verdade está bastante clara. Ele diz:

"Portanto, Deus nos escolheu em Cristo antes da fundação do mundo, predestinando-nos para a adoção de filhos, não por que nos tornamos nós mesmos santos e imaculados, mas Ele nos escolheu e predestinou para

⁷⁰ cf. também, A. Hodge, *A Commentary on the Confession of Faith*, p.104, H.B. Smith, *System of Christian Theology*, p.506

⁷¹ L. Berkhof, *Teologia Sistemática*, p.135.

*assim sermos.*⁷²

Assim temos em Agostinho mais um propósito que vem somar aos outros dois.

São Bernardo⁷³ nos mostra que os eleitos, foram escolhidos para serem conformes a imagem de Cristo.

Já Calvino tem a mesma opinião de Agostinho:

*"No que segue, que foram eleitos para serem santos, claramente refuta o erro daqueles que dizem que a eleição procede da pureza, posto que claramente contradiz São Paulo, que diz que todo o bem e virtude que há nos homens, são efeito e fruto da eleição.*⁷⁴

Notamos que Calvino, como interprete de Agostinho, adota a mesma posição que ele quanto ao propósito da eleição. Isso ele afirma mais categoricamente em outro lugar quando responde ao objeções à doutrina da predestinação⁷⁵.

⁷² Agustin, *On the Predestination of the Saints*, chap. 37, In: *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*, vol. V, p.516, também chap.35, p.515.

⁷³ Bernardo, *Três maneras de contemplar a Dios, Sermones sobre la Cantares*, in *Obras Completas de San Bernardo*, v. II, p.155.

⁷⁴ J. Calvino, *Op.cit.*, L.III, cap. XXII, §2.

⁷⁵ Idem, *Ibidem*, L.III, cap.XXIII, §12.

O teólogo Boettner⁷⁶, também respondendo as objeções formuladas contra a doutrina, prova que o homem foi eleito para uma vida de santidade (Efésios 1.4). E ainda aduz outros textos para mostrar a validade de sua tese (Romanos 8.29; II Tessalonicenses 2.13; Atos 13.48).

Crane⁷⁷ diz que o alvo da eleição é apresentar os eleitos em santidade diante de Deus e faze-los co-herdeiros com Cristo da vida eterna, com todas as suas bênçãos. Ainda acrescenta que os homens são eleitos para o louvor da glória de Deus.

Portanto, temos alguns propósitos da eleição do homem, enquanto objeto dela, relacionados pelos teólogos como podemos sistematizar abaixo:

- a. É para manifestar Sua glória
- b. É para salvação do homem
- c. É para tornar o homem santo
- d. É para adota-los como filhos

Esses propósitos nós podemos assim comentar: No **primeiro** Deus manifesta a Sua glória no exercício de

⁷⁶ L. Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination*, pp.274-5.

⁷⁷ J. C. Crane, *Systematic Theology, A Compilation*, p.242.

Sua misericórdia, elegendo alguns, e Sua justiça, reprovando outros. No **segundo** Deus mostra a Sua soberania, fazendo com que a salvação dependa exclusivamente de Sua livre vontade, não tendo em conta qualquer previsão de méritos humanos. No **terceiro** Deus exige que o eleito seja santo, que viva em santidade, evitando assim a dissolução, buscando constantemente uma vida como Deus exige (I Pedro 1.15). **No quarto**, finalmente, Deus estabelece uma relação de paternidade, com os eleitos. Neta relação Deus é o Pai misericordioso e os eleitos, os filhos amados em Cristo.

Entretanto, nesses propósitos, vemos, via de regra, que os teólogos não mencionam, ou se mencionam não desenvolvem o pensamento de uma outra finalidade da eleição, isto é, o propósito de Deus em conformar-nos à imagem de Cristo.

Portanto, tentaremos desenvolver este propósito dentro da perspectiva bíblica.

III. TEXTOS BÍBLICOS

Fazendo um apanhado bíblico, temos alguns textos que corroboram com nossa Tese e que seria proveitoso darmos uma pequena sobre os mesmo.

GÊNESIS 1.26,27

Esse texto serve para mostrar com que imagem o homem foi criado.

Podemos aduzir do texto a imagem que o pecado distorceu em nós é a do próprio Deus. E é essa imagem que Ele quer recuperar em nós. Para tanto nada melhor do que sermos conformados à imagem de Cristo.

Sabendo à que imagem Deus quer nos conformar, analisaremos basicamente três textos, a saber: II Coríntios 3.18; Gálatas 4.19 e Efésios 4.13.

II CORÍNTIOS 3.18

Comentando esse texto, Philip E. Hughes diz que:

"Este processo de transformação na imagem de Cristo nada mais é que a restauração da

imagem de Deus que foi desfigurada na queda do homem."⁷⁸

E continua dizendo que a imagem de Cristo é o selo do Espírito impresso no crente. Do mesmo ponto de vista compartilha Calvino, isto é, de que a transformação é um processo, pois diz, comentando esse texto:

*"...mas nós precisamos constantemente estar fazendo progresso do em ambos: conhecimento de Deus e na conformidade de Sua imagem..."*⁷⁹

Outro comentarista que participa desta opinião é James Reid que mostra que:

*"Paulo descreu o processo pelo qual esta transformação interior é feita."*⁸⁰

Temos visto que a opinião dos expositores concordam em que esta transformação seja um progresso, um processo ascendente, do qual todo crente participa.

Ainda compartilham da mesma opinião: James

⁷⁸ P. E. Hughes, *Commentary on the Second Epistle to the Second Epistle to the Corinthians*, p.119

⁷⁹ J. Calvin, *in loc*

⁸⁰ J. Reid, *in loc*, In: *The Interpreter's Bible*, v.10

Denney⁸¹, Alexander MacLaren⁸², entre outros.

Isso posto, constatamos que o texto de II Coríntios 3.18 parece nos provar que a imagem a qual seremos conformados, é alcançada de “glória em glória”, isto é, num processo de contínuo aperfeiçoamento, até finalmente estarmos metamorfoseados (cf. v.18 μεταμορφούμεθα e também Marcos 9.2), isto é, transformados na imagem de Cristo.

GÁLATAS 4.19

Neste texto aparece novamente uma palavra derivada de μορφῆ que é a forma verbal μορφωθῆ traduzida por “**formado**”. O exegeta G. Hendriksen comentando essa palavra diz que:

“O verbo μορφωθῆ aponta para uma mudança que se deseja, seja produzida na

⁸¹ J. Denney, *The Second Epistle to the Corinthians*, in *The Expositor's Bible*, p.142.

⁸² A. MacLaren, *II Corinthians*, in *Expositions of Holy Scripture*, pp.315 e 321.

*essência interior.*⁸³

Para ele é uma mudança que vai se processando paulatinamente em todos os setores da vida do crente. O comentarista Ridderbos explica assim este verbo:

*"Este propósito, além disso, não é para ser interpretado como um misterioso nascimento Cristo no crente, mas antes, na manifestação de sua vida. E é esta vida que a forma de Cristo deve aparecer no sentido que a vida do crente deve ser governada por Cristo, totalmente, assim na absoluta dependência da Sua justiça como numa vida de acordo com seus mandamentos."*⁸⁴

Como vemos não há nada de mistério na expressão "ser formado", senão que está claro que é a própria manifestação da vida de Cristo no crente, vida que revela a própria imagem do Salvador.

Traz ainda a idéia de dependência e obediência, elemento fundamental neste processo de formação.

Num trabalho exegético bem mais profundo, Charles J.

⁸³ G. Hendriksen, *Gálatas Comentário del Nuevo Testamento*, p.184, nota 130.

⁸⁴ H. R. Ridderbos, *The Epistle of Paul to Churches of Galatia*, p.170.

Ellicott, tece o seguinte comentário sobre esse texto:

*"...até o novo homem, Cristo em nós, receber, como eu não duvido, Sua completa e própria forma; o significado óbvia desta palavra parece mostrar que a metáfora é contínua..."*⁸⁵

Ele mostra claramente que a função de Cristo em nós obedece a um processo interrupto, constante. Tirando sua conclusão da própria palavra graça.

Finalmente, vemos que o exegeta J. B. Lightfoot, captou bem a idéia de Paulo, traduzindo o texto desta forma:

"até tu ter tomado a forma de Cristo".

e comenta:

*"Como o embrião se desenvolve para criança."*⁸⁶

Com isso queremos mostrar que também nesse texto Paulo apresenta a idéia de que Cristo deve ser formado em nós e que esta transformação é um progresso

⁸⁵ C.J. Ellicott, *A Critical and Grammatical Commentary on St' Paul's Epistle to the Galatians*, p.107.

⁸⁶ J.B. Lightfoot, *Saint Paul's Epistle to the Galatians*, p.178.

constante até que seja totalmente completada.

EFÉSIOS 4.13

Esse texto apesar de referir-se à Igreja como um todo, não pode ser desprezado nas considerações que temos tecido, pois ele fala, como os outros dois texto anteriores, daqueles que são crentes em Cristo.

Comentando este versículo, Ellicott diz o seguinte:

"...e como sugerido por este singular (varão perfeito) a idéia da completa unidade da santa personalidade mais explanada na próximo cláusula, à qual eles (crentes) foram unidos e consumados."⁸⁷

Neste comentário o autor mostra que há um objetivo, a unidade na santa personalidade de Cristo.

Para Brooke Foss Westcott, a repetição da preposição εἰς por três vezes tem um profundo significado, ele diz:

"São Paulo distingue três estágios ou aspectos do progresso cristão. O primeiro é

⁸⁷ C.J. Ellicott, *A Critical and Grammatical Commentary on St' Paul's Epistle to the Ephesians*, p.96

*intelectual, onde a fé e o conhecimento combinam para criar uma unidade na alma, o objeto de ambos é o filho de Deus. O segundo é maturidade pessoal. O terceiro é conformidade de cada membro com o padrão de Cristo, no qual todos formam um povo homem.*⁸⁸.

Esse comentarista faz um excelente comentário desse verso, por isso será de todo proveitoso ouvi-lo mais Ele continua comentando:

*"A frase (e ao conhecimento do Filho de Deus) parece apontar para frente, para a perfeita humanidade em Cristo num ponto em que cada crente será achado perfeito.*⁸⁹

Westcott assevera que há um progresso ou estágios pelo qual todo crente vai passando até ser "varão perfeito", até chegar "à medida da estatura completa de Cristo."

Parecem concordar no mesmo sentido de "crescimento" ou progresso", os comentaristas: William Hendriksen⁹⁰

⁸⁸ B.F. Westcott, *On St. Paul's Epistle to the Ephesians*, p.63

⁸⁹ Idem, *ibidem*, p.63

⁹⁰ W. Hendriksen, *New Testament Commentary, Ephesians*, p.200

E. K. Simpson e F. F. Bruce⁹¹.

Assim, podemos concluir dos argumentos acima expostos, que os cristãos estão num contínuo progresso de “metamorfose”, isto é, de transformação.

Os três textos que examinamos mostram, inequivocamente, que é propósito de Deus que sejamos “transformados de glória em glória na mesma imagem (do Senhor Jesus)” II Coríntios 3.18 que “...Cristo seja formado em nós” Gálatas 4.19 e que finalmente, sejamos aperfeiçoados “até que todos cheguemos a unidade da fé, e ao conhecimento do filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo” Efésios 4.13. E isso para que recuperemos a verdadeira imagem de Deus distorcida no Éden.

Portanto, concluímos que o propósito de Deus na eleição é conformar os escolhidos à imagem de Cristo.

⁹¹ E. K. Simpson and F. F. Bruce, *Commentary on the Epistle to the Ephesians and Colossians*, In: *The New Commentary the NT*, p.96.

CAPÍTULO V

ARGUMENTO EXEGÉTICO

Uma vez estabelecido o argumento teológico de nossa tese, tentaremos agora comprova-la através do argumento exegético. Para tanto procederemos uma análise exegética de Romanos 8.29 que é o texto básico sobre o qual estabelecemos nossa tese.

Assim, utilizaremos os seguintes passos exegéticos:

- I. Estudo contextual
 1. Contexto remoto
 2. Contexto próximo
- II. Estudo Textual
 1. Análise gramatical
 2. Comentários exegético

É bom sabermos que um texto como esse pode levantar questões, além da que formulamos na tese. Questões, talvez secundárias, mas que não podem ficar sem resposta.

Formularemos as seguintes perguntas:

- a. Em que sentido Deus conheceu os eleitos?
- b. Como isso implica em tê-los predestinados?
- c. A qual imagem Paulo se refere?
- d. Qual o significado de "primogênito"?
- e. Por que entre muitos irmãos?

Estaremos focalizando de maneira especial o texto em relação a tese proposta como tema deste trabalho.

I. Estudo Contextual

Passaremos ao estudo contextual, que tem como objetivo verificar que é o contexto em que aparece Romanos 8.29.

1. Contexto Remoto

No estudo do contexto remoto é necessário nos

reportarmos ao Gênesis e por que não dizer à própria eternidade, pois o assunto tratado aqui, por Paulo, é o da finalidade da eleição ou o seu propósito.

Podemos dizer que esta finalidade, “o sermos conforme a imagem de Cristo”, está em Gênesis e a eleição propriamente dita está na eternidade. Mas vemos que por toda a Bíblia existe sempre algo relacionado com esse texto ora considerado.

Assim veremos, não só a eternidade como contexto remoto, mas também o Gênesis e toda a Bíblia.

O apóstolo diz que Deus conheceu alguns de antemão e também os predestinou. Essa afirmação nos leva à eternidade, onde o Senhor, por Sua livre e soberana vontade olhou com favor para alguns homens, tornando-os objetos de Seu precioso amor seletivo.

Vemos que o ato divino ocorreu antes da fundação do mundo (Efésios 1.4) e que se processou na história desde a criação.

Avançando para o registro bíblico veterotestamentário podemos vislumbrar, em muitas passagens, a efetivação do ocorrido na eternidade. Assim vemos

Deus revelando ao homem o Seu soberano plano (cf. Oséias 13.5; Amós 3.2).

Ao atravessarmos o período inter-bíblico deparamo-nos com o Messias, Aquele que veio revelar completamente, a vontade de Deus aos homens e manifestar todos os desígnios do Pai.

Encontramos em várias declaração do Mestre referência claras a este ato predestinador de Deus (cf. João 10.29; 17.6, 9 e 20).

Lucas registra em Atos 13.48 um sermão de Paulo em que ele faz referência a esta doutrina. Daí em diante podemos ver essa doutrina receber de Paulo uma grande atenção.

Em suas cartas, Paulo trata deste maravilhoso ensino de maneira a dar uma detalhada explanação do mesmo: Efésios 1.3ss; II Tessalonicenses 2.13; Romanos 8.29-30; 9.11; 11.7 e outras passagens.

Mas o apóstolo não para ai, ele vai ao cerne da questão que é a finalidade da eleição: "sermos conforme a imagem de Cristo". Isso nos arremessa de volta ao Gênesis onde o homem foi criado à imagem de Deus,

mas com o pecado essa imagem é deformada. Contudo, o propósito de Deus não foi frustrado e para cumpri-lo integralmente manda Jesus para realizar uma transformação na imagem deformada, recriando-a.

Assim vemos que Paulo escreve este verso, dentro de um contexto remoto que está na própria eternidade e nas Escrituras do Velho Testamento. Ele o escreve dentro de circunstâncias especiais que serão o assunto que trataremos a seguir.

2. Contexto Próximo

O contexto próximo desse texto nos traz ao capítulo um da carta aos Romanos, onde Paulo começa uma exposição da fé x obras para seus destinatários. O apóstolo vem mostrando a culpa de todos os homens diante de Deus, por causa dos atos que praticam e nisso não há grego nem judeu.

Nos próximos capítulos ele mostra que aqueles que repousam na lei não podem cumpri-la integralmente e por isso são passíveis do justo juízo de Deus. Mas mostra também que a Lei não é má pelo fato de que os

homens não conseguem cumpri-la. Assim, “não há justo, nem se quer um” 3.10, pois no regime da Lei ninguém foi justificado e sim pela fé e isso demonstra citando o exemplo de Abraão que foi justificado pela fé.

Paulo progride na sua exposição, chegando ao Senhor Jesus, mostrando a doloroso condição do homem, isto é, mostrando que todos os homens eram inimigos de Deus por natureza, pois em um só todos pecaram e morreram. Mas em contrapartida em Cristo, esses a que Deus “conheceu de antemão”, vieram ou virão a ser reconciliados com Deus.

O grande problema deste contexto é o da Lei como escravizadora do homem, aquela que tem o poder de trazer à tona o pecado, aquela que revive a miserável condição pecaminosa do homem, homem este que não tem domínio para não pecar, pois sua natureza o obriga.

Assim neste clima de desolação em que o homem é impotente para a justiça e que sua condição primária é de uma vida totalmente alheia a Deus, é em meio a um panorama tão lamentável que Paulo começa o capítulo oito dizendo: “nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” e nessa relação, a natureza

carnal do homem é mortificada em Cristo pelo Espírito e o homem se torna co-herdeiro com Cristo, tanto de Seu sofrimento como de Sua glória.

O sofrimento da vida presente é mostrado, como algo insignificante para aqueles a que Deus amou e no meio do sofrimento os predestinados não devem esmorecer. Aqui surge o texto como o início de uma nota de triunfo. Paulo notifica aos irmãos que a salvação ultrapassa o regime da Lei para ser graça e este não depende deles e sim de Deus que os chamou para a sua salvação. Salvação esta que não é possível perder, pois ela está firmada no eterno amor seletivo de Deus.

Este canto triunfal do apóstolo vem dar a segurança para os eleitos prosseguirem na luta, pois a causa, isto é, a escolha reside em Deus.

Este texto está inserido nesse contexto de forma, ao nosso ver, a dar continuidade ao pensamento que o autor vem desenvolvendo, que é mostrar que apesar do pecado e da Lei, os homens podem ser salvos por meio de Jesus, pois Deus escolheu um número dele para determinado fim, isto é, para serem conformes a imagem de Seu Filho.

Servindo esse texto de elo entre os versos 25 e 31, onde Paulo passa da expectativa para a certeza da remissão final.

Concluindo, podemos dizer que esse texto, dentro desse contexto é a sublime revelação daquilo que os homens foram incapazes de realizar: a própria salvação.

II. Estudo Textual

Com esse passo exegético, analisaremos cada palavra gramaticalmente para tentarmos estabelecer uma tradução base para trabalharmos. Ainda dentro deste tópico faremos um comentário exegético, onde procuraremos resolver as questões levantadas e comprovar nossa Tese.

1. Análise Gramatical

ὅτι: Conjunção. Trad. PORQUE

οὗς: Pronome relativo, masculino, plural, acusativo, de

ὅς: Que. Trad. AQUELES

προέγνω: Verbo, 3ª pessoa, singular, 1º aoristo, indicativo, ativo, de προγινώσκω, Conheço antes, Sei de antemão. Trad. CONHECEU ANTES

καὶ: Conjunção com sentido aditivo, Trad. TAMBÉM

προώρισεν: Verbo, 3ª pessoa, singular, 1º aoristo, indicativo, aditivo, de προορίζω, Predetermino, Predestino. Trad. PREDESTINO

συμμόρφους: Substantivo, masculino, plural, acusativo de σύμμορφος, Conforme, Participante da forma de. Trad. PARA SEREM CONFORME

τῆς: Artigo definido, masculino, singular, genitivo, de ἡ, A. Trad. A

εἰκόνης: Substantivo, feminino, singular, genitivo, de εἰκών: Imagem, Semelhança. Trad. IMAGEM DE

τοῦ: Artigo definido, masculino, singular, genitivo, de ὁ, O Trad. O

υἱοῦ: Substantivo, masculino, singular, genitivo, de υἱός: Filho. Trad. FILHO DE

αὐτοῦ: Pronome pessoal da 3ª

παις, masculino, singular genitivo, de αὐτός, Seu. Trad. SEU

εἰς: Preposição com o acusativo. Trad. PARA

τὸ: Artigo definido, neutro, singular, nominativo, de τό, A ou O. Trad. O

εἶναι: Verbo, definitivo, presente, ativo, de εἶμί, Eu sou. Trad. SEJA

αὐτὸν: Pronome pessoal da 3ª pessoa, masculino, singular, acusativo, de αὐτός, Seu. Trad. ELE

πρωτότοκον: Substantivo, masculino, singular, acusativo, de πρωτότοκος, Um nascido primeiro, Primogênito. Trad. PRIMOGÊNITO

ἐν: Preposição com o locativo. Trad. ENTRE

πολλοῖς: Adjetivo, masculino, plural, dativo, de πολύς, Muito. Trad. DE MUITOS

ἀδελφοῖς: Substantivo, masculino, plural, locativo, de ἀδελφός, Irmão. Trad. IRMÃOS

TRADUÇÃO-BASE

"Porque aqueles (que) conheceu antes, também predestinou para serem conforme a imagem do Seu Filho, para (que) Ele seja o primogênito entre muitos irmãos."

Isto posto, passaremos para o comentário exegético, que é o nosso próximo tópico.

2. COMENTÁRIO EXEGÉTICO

Nesta parte estudaremos cada palavra separadamente e depois toda a expressão, dando algumas opiniões de autores e vendo sua aplicação.

ὅτι οὐς προέγνω

ὅτι Esta conjunção traduzimos por "Porque" como referem William Sanday e Arthur C. Headkam⁹², pois está expressando cousa, isto é, está introduzindo uma declaração indireta formada pela conjunção ὅτι + o

⁹² W. Sanday e A. C. Headlan, *The International Critical Commentary*, p.217.

indicativo. Assim o apóstolo declara o propósito de Deus na eleição do homem.

οὗς Temos um pronome relativo referindo-se a “Aqueles” eleitos de Deus. Cremos ser esta palavra, restritiva, isto é, que restringe o propósito de Deus somente àqueles que fazem parte do número dos Eleitos. Com o estudo da expressão toda talvez possamos lançar mais luz sobre este aspecto.

προέγνων Este verbo é um composto por preposição πρό mais o verbo γινώσκω significando “saber de antemão”, “conhecer antes”.

É oportuno lembrar que este verbo está usado no “tempo” aoristo, implicando isso, que a ação do verbo é pontiliar, isto é, a qualidade de ação é vista como momentânea, como um ponto indefinido quanto ao tempo.

O modo indicativo no qual está o verbo, demonstra que esta declaração é definitiva e sendo um aoristo constativo a ação é contemplada como um todo sem indicar o início ou o fim da ação.

Tudo isso é importante notarmos, pois este verbo está

num dos texto chaves da predestinação. Assim poderemos nos reportar à essas informações caso seja necessário.

Ao estudarmos o uso deste vocábulo na antiguidade, vemos que os gregos o entendiam como a possibilidade de se prever o futuro e isto parece ter sido o pensamento de alguns a respeito da predestinação, p.ex. Pelagianos, Arminianos.

No AT (LXX) encontramos somente três vezes esta palavra e todas no apócrifo de Sabedoria. As duas primeiras são que a sabedoria sabe de antemão os que a desejam (6.13) e tem presciência de sinais e maravilhas (8.8). A terceira ocorre na narrativa da presciência dos judeus no Egito sobre a morte dos primogênitos (18.6).

No NT Paulo usa duas vezes essa palavra pelo menos, neste texto e em Romanos 11.2 significando para ele a natureza da atividade de Deus entre os homens, uma relação pessoal com um grupo de homens. Pedro em sua primeira carta 1.20 mostra por essa palavra a atividade de Deus como algo planejado e dirigido, não havendo possibilidade do acaso, destino ou fatalismo.

Assim o verbo não é usado em seu sentido clássico e sim com um significado mais profundo de conhecimento seletivo. Portanto, podemos entrar no comentário desta expressão com alguns subsídios.

Há muita controvérsia sobre o exato significado do termo nesse texto e isso desde Orígenes, Ambrósio e outros Pais da Igreja, que dividiam suas opiniões em se era o simples conhecimento se certa pessoa viria a crer (como vimos no capítulo II) ou era uma ordem para alguns que creriam por causa do conhecimento de Deus.

A visão Pelagiana diz que Deus previu, isto é, conheceu antes a fé de alguns e Armínio argumenta dizendo em sua visão, que Deus sabia de antemão quem exercia o seu livre arbítrio e assim preordenou-os para a glória, usando esse texto em que estamos argumentando, como suporte para seu argumento.

Erdman⁹³ toma uma posição duvidosa ao dizer que Deus nos “pré-conhecia”, dando a entender por esse termo o fato de que foi apenas um conhecimento prévio

⁹³ C.R. Erdman, *Comentários de Romanos*, pp.100-101

e não um conhecimento determinante.

Outros teólogos admitem que há uma disputa muito grande quanto ao verdadeiro e exato significado deste termo. Mas Sanday e Headlan⁹⁴ dizem que o seu sentido deve ser determinado pelo uso bíblico de “conhecer” que é muito claro (Salmo 1.6, 48.3; Amós 3.2; Mateus 7.23) significando, segundo Thayer e Meyer⁹⁵, quase “predestino”. Assinalam eles que em todos esses casos citados acima o termo tem o sentido de “tomar nota de”, “fixar os olhos sobre”. Isto está de acordo com a LXX que o usa para traduzir YADA, que denota “tomar conhecimento”.

Berkhof diz que esta palavra pode ser usada mais significativamente como “informar-se de alguém com amante solicitude” ou “fazer de alguém objeto de carinhosa solicitude” ou “amor eletivo” (Oséias 13.5; Gênesis 18.19).⁹⁶

Esse ponto de vista é sustentado por diversos outros

⁹⁴ W. Sanday e A. C. Headlan, *op.cit.*, p.217.

⁹⁵ W.C. Taylor, *Dicionário do Novo Testamento Grego*, p.184.

⁹⁶ L. Berkhof, *Teologia Sistemática*, p.131.

comentaristas, tais como: F.F. Bruce⁹⁷ que diz ser a graça motivadora da eleição, quando Deus toma conhecimento especial de alguns homens.

Barnes⁹⁸ argumenta que o sentido literal, é “conhecer de antemão” e Henry Alford⁹⁹ também prefere o sentido ordinário do termo.

Ainda é necessário notar que a palavra estudada, não significa presciência como no uso clássico, como nos referimos anteriormente, mas como diz Calvino:

“O conhecimento não é mera presciência vazia como por absurda ignorância crêem alguns, senão a adoção pela qual Deus distingue Seus filhos do réprobos”¹⁰⁰

e J. Barmby mostra que não há apoio para dizer como os Arminianos, que Deus elegeu por presciência, dizendo ele que:

“somente pode significar que Deus conheceu de antemão os objetos de Sua intencional

⁹⁷ F.F. Bruce, *Romanos: Introdução e comentário*, p.144.

⁹⁸ A. Barnes, *Notes on the New Testament*, p.197.

⁹⁹ H. Alford, *Alford's Greek Testament*, p.398.

¹⁰⁰ J. Calvino, *Epístola a los Romanos*, p.220.

miserericórdia".¹⁰¹

Assim podemos dizer com certeza que o sentido de προέγνω fica claro significando que Deus conheceu de antemão a um certo número de pessoas lançando sobre eles o Seu olhar seletivo e determinante quando à eleição, isto é, estes conhecidos de antemão, crerão, não por que Deus assim previu, porém porque Deus determinou que creriam.

Tudo isso nos leva ao âmago da doutrina da predestinação, pois esta palavra por nós analisada é que determina as características da eleição como diz Barmby¹⁰²: 1. ABSOLUTA, isto é, não levou em conta o uso humano da graça; 2. ARBITRÁRIA, isto é, sem respeito ao conhecimento anterior Divino de que os homens creriam.

Concluindo, a expressão ὅτι οὐκ προέγνω não significa que toda a família humana foi conhecida de antemão, pois não se trata nesse texto de eleição nacional e sim individual pois vemos que nem todos tem sido

¹⁰¹ J. Barmby, *in loc*, In: *The Pulpit Commentary*, p.213

¹⁰² Idem, *ibidem*, p.212

conformados à imagem de Cristo. Não se trata de presciência Divina, pois se assim fosse a eleição estaria condicionada à crença futura dos homens, o que é um elemento (contingência) inadmissível na personalidade de Deus. Por outro lado não seria possível ter um plano nessa contingência, porém notamos que Deus os conheceu antes com uma causa certa e fixa.

Como diz Albert Barnes:

"esta passagem não afirma 'como' ou 'sobre' o que Deus se baseou conhecendo que alguns da família humana seriam salvos, simplesmente afirma o fato"¹⁰³

e esse fato é que Ele fixando Seu olhar sobre eles decretou (o modo indicativo mostra uma declaração definitiva) que fossem salvos, designando-os para a vida eterna.

Assim, a idéia que temos é de uma relação pré-temporal (como mostra a qualidade de ação do aoristo) e pessoal, entretanto Deus em comunhão com alguém para lhe outorgar um favor especial.

Passemos para a análise da segunda expressão do texto

¹⁰³ A. Barnes, *op. cit.*, p.197

que estamos estudando:

καὶ προώρισεν

καὶ Temos uma conjunção cujo sentido primário é “E”, mas nesse texto ela está usada no sentido aditivo, isto é, somatório, não somente conheceu “aqueles”, senão que concluiu o Seu perfeito propósito em conhece-las, predestinando-os.

προώρισεν Este verbo, a exemplo do anterior, também é composto. A preposição πρό (antes) + ὀρίζω (predestino) formam este verbo, que etimologicamente significa “marco de antemão os limites”. Assim, John Knox¹⁰⁴ diz que esta palavra significa “plano” ou “esquema”, assim como “intenção”.

Esse verbo está no mesmo “tempo” e modo que o anterior, tendo, portanto, as mesmas características que já estudamos.

Esta palavra só aparece nos escritos clássicos a partir

¹⁰⁴ J. Knox, *Romanos*, In: *The Interpreter's Bible*, v.9, p.525.

do século IV a.C. com o significado de “preordenar”.

Não há ocorrência na LXX e no NT aparece por seis vezes como “preordenar”, sempre e exclusivamente referentes aos decretos de Deus.

Aqui temos uma palavra que nos traz o propósito do “conheceu de antemão”, isto é, da eleição, pois esta palavra é usada no sentido de predestinação absoluta porque refere-se sempre aos imutáveis decretos de Deus que são absolutos.

Berkhof¹⁰⁵ diz que esta palavra de necessidade pede um complemento: Predestinados para que?

Assim, podemos usar a expressão de Calvino:

“A palavra προορίζω (predestinar) é usada para mostrar que Deus determinou que os adotados levariam a imagem de Cristo.”¹⁰⁶

Isso mostra que o conhecimento anterior de Deus não foi mero assentimento intelectual, foi antes, como tudo em Deus, um conhecimento que exigiu uma finalidade.

¹⁰⁵ L. Berkhof, *op. cit.*, pp.131-132

¹⁰⁶ J. Calvino, *op. cit.*, p.221

Com Calvino estão W.Sanday e A.C Headlan que dizem:

"O apóstolo sobrepõe no momento o passo intermediário e leva o crente para a frente, para a final consumação do propósito de Deus a seu respeito. Este é exatamente definido com 'conformidade com a imagem de Seu Filho'".¹⁰⁷

No Novo Comentário da Bíblia encontramos as palavras de Thomson e Davidson, nos seguintes termos:

"Enquanto 'conhecer de antemão' é conferir um favor especial, 'predestinar' é decidir que este favor assuma o aspecto de filiação em Cristo."¹⁰⁸

Portanto, não se refere a privilégios externos, mas sim à salvação e conformação à imagem de Seu Filho, sendo, no dizer de Erdman:

"o propósito último do ato pré-ordenante ou predestinador, a glória do Senhor."¹⁰⁹

A terceira expressão que vamos considerar em detalhes

¹⁰⁷ W. Sanday e A.C. Headlan, *op. cit.*, p.218.

¹⁰⁸ G.T. Thomson e F. Davidson, *O Novo Comentário da Bíblia*, pp. 1170-1171.

¹⁰⁹ C.R. Erdman, *op. cit.*, pp.100-101.

é:

συμμόρφους τῆς εἰκόνοσ τοῦ υἱοῦ αὐτοῦ

συμμόρφους O significado desta palavra pode ser: “participante da forma de”; “conforme”, embora todas as outras opções caberiam no sentido do texto.

A palavra μορφή (forma) que dá origem ao vocábulo que vamos analisar, fazia parte dos conceitos filosóficos clássicos distinguindo-se da matéria, ainda que pudesse tomar, alguma forma.

Já nas religiões helênicas a aparência externa (forma) era considerada a expressão do caráter essencial. Assim os homens se transformavam em deuses nessas religiões, pois todos eles tinham características bem humanas.

Nas versões gregas do AT ocorre esta palavra quando se fala de Deus em termos antropomórficos. Mas a LXX nunca a empregou para falar da forma de Deus.

G. Braumann¹¹⁰ mostra o uso de *συμμόρφους* em Romanos 8.29 e conclui que não seremos semelhantes, mas identificados com a mesma substância que Ele e entraremos na mesma natureza essencial como Ele.¹¹¹.

εἰκόνοϛ Esta palavra pode significar: “semelhança”; “representação”; “esfinge”; “imagem” e denota sempre uma representação exata.

Num estudo sobre este termo O. Flender¹¹² mostra que este deriva de *εἰκόνα* que se traduz “ser semelhante”, “ser como”. Criam os gregos que a imagem participativa da realidade que representa.

No AT (LXX) é usada para substituir cinco termos hebraicos, principalmente *דְמוּת* Gênesis 5.1 e *צֶלֶם* Gênesis 1.26-27 sendo que as imagens religiosas não podem traduzir a natureza de Deus, porém, o homem sim (cf. Gênesis 9.6). Assim no dizer de G. von Rad:

¹¹⁰ G. Braumann, In: *Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* (NDINT), v. II, p.280.

¹¹¹ Cf. também, P.E. Hughes citando Lightfoot, *Paul's Second Epistle to the Corinthians*, p.118, nota 18.

¹¹² O. Flender, In: *NDITNT*, v. II, pp.411-412.

"A fé em Javé não considerou jamais Deus como antropomorfo, mas pelo contrário, encarou o homem como teomorfo."¹¹³

Os autores clássicos a usavam no sentido lato, tanto para homens quanto para plantas e animais. Usavam também na relação aluno-professor e ainda para designar nacionalidade, p.ex. "filho dos Aqueus" (Homero).

A LXX usa esta palavra cerca de 4.800 vezes para traduzir a palavra בן. Outro uso dela era metafórico p.ex. filhos da luz, filhos das trevas, etc.

No NT a palavra pode denotar descendência, p.ex. filho de Davi e num sentido ainda mais profundo denota filhos de Deus, como nas bem-aventuranças, mostrando que os homens tornam-se filhos de Deus por Jesus, não por serem judeus e sim por serem pacificadores, que é uma consequência da adoção em Cristo. No uso deste termo para Jesus denota que Ele é o verdadeiro Filho de Deus, como mostra Mateus

¹¹³ G. von Rad *apud* O. Flender, In: *NDITNT*, v. II, pp.447-412.

interpretando Oséias 11.1.

συμμόρφους τῆς εἰκόνης τοῦ υἱοῦ αὐτοῦ

Analisando toda a expressão podemos ver que a questão da imagem de Deus no homem foi desde o princípio da Igreja Cristã motivo de diferença no pensamento Patrístico. Enquanto Irineu e Tertuliano via até características físicas de Deus nessa imagem, Orígenes, Clemente de Alexandria, Hilário, Ambrósio entre outros discordavam desta opinião.

Também entre os reformadores houve alguma discordância quanto ao que viria a ser esta imagem.

Para ficar mais claro vejamos algumas idéias a respeito desta expressão:

J. Barmby¹¹⁴ diz que pelo contexto próximo anterior, o texto parece estar se referindo primeiramente à nossa participação no sofrimento de Cristo. Assim o ser conforme a Cristo é participar de seus sofrimentos.

¹¹⁴ J. Barmby, *in loc*, In: *The Pulpit Commentary*, p.213.

Contudo, Calvino nota que o texto,

*"não diz conforme a Cristo, mas à imagem de Cristo para demonstrar que Cristo é o modelo vivo proposto para os filhos de Deus imitarem"*¹¹⁵

propondo, em nosso entender, que a imagem é a que estava na mente de Deus desde a criação e não a imagem ou "forma de servo" Fl 2.7, já que, como diz W. Sanday:

*"συμμόρφους denota forma interior e completa e não superficial"*¹¹⁶

ao que concorda Alford dizendo que:

*"esta imagem não é puramente Sua moral nem seu sofrimento, mas como em I Co 15.49 a forma total de glorificação no corpo e santificação no espírito...."*¹¹⁷

ainda que o comentarista F. Delitzsch diga que:

"A imagem de Deus consiste, portanto, na

¹¹⁵ J. Calvino, *op. cit.*, p. 221

¹¹⁶ W. Sanday e A. C. Headlan, *op. cit.*, p.218

¹¹⁷ H. Alford, *op. cit.*, p.398ss

personalidade espiritual do homem."¹¹⁸

sendo isto uma única parte da verdade.

G. Thomson e F. Davidson¹¹⁹ colocam acertadamente essa expressão como o propósito e plano eterno de Deus, mas com o evento do pecado, como diz Berkhof¹²⁰, não foi perdida, (cf. Gênesis 9.6; Tiago 3.9; I Coríntios 11.7) porém distorcia, assim o propósito do decreto de Deus é primeiramente em que o homem seja santo e em conseqüência disso seja salvo (cf. Alford)¹²¹. Assim no dizer, de Sanday e Headlan, o homem:

"atravessa uma gradual assimilação da mente e do caráter para a assimilação final da glória de Jesus Cristo."¹²²

o mesmo diz C. Hodge em outras palavras, ouçamo-lo:

"O fim para o qual o eleito foi predestinado, é a conformidade com Cristo, tanto em

¹¹⁸ F. Delitzsch, *Biblical Commentary on the Old Testament*, v. I, p.83.

¹¹⁹ G.T. Thomson e F. Davidson, *op. cit.*, v. III, pp.1170-1171.

¹²⁰ L. Berkhof, *op. cit.*, p.241.

¹²¹ H. Alford, *op. cit.*, p.398ss.

¹²² W. Sanday e A.C. Headlan, *op. cit.*, p.218; cf. também W. Sanday, *The Epistle to the Romans, in The New Testament Commentary*, p.97, onde traz a mesma idéia.

*caráter e destino*¹²³

Portanto, o homem foi eleito a fim de que o próprio Deus cumprisse o Seu propósito de conformá-lo a imagem de Cristo (que é a imagem do Pai Colossenses 1.15), isto é, sendo recuperada a imagem distorcida no Éden que poderia crescer ou, como aconteceu, decair.

Passemos à considerar a próxima expressão:

εἰς τὸ εἶναι αὐτὸν πρωτότοκον

εἰς τὸ Taylor¹²⁴ diz que é uma maneira comum de expressar propósito.

εἶναι Este verbo está no infinitivo de εἶμι, portanto deveríamos traduzi-lo literalmente por "SER". Mas os gramáticos lembram-nos que devemos traduzir o infinitivo pela idéia do grego (Aktionsart) e nunca pelo infinitivo português.

Assim traduzimos por "SEJA" que é a forma adotada nas

¹²³ C. Hodge, *Commentary on Romans*, p.292.

¹²⁴ W.C. Taylor, *Introdução ao Estudo do Novo Testamento Grego*, p.124.

versões ARA e ARC.

Εἰμί É importante notar que este acusativo é chamado de “acusativo de referência geral” e como Taylor diz:

“este acusativo mostra a quem a ação do verbo na infinitivo se refere.”¹²⁵

Aqui temos uma cláusula final de propósito, onde o fim é expresso pelo: infinitivo + artigo + εἰς.

πρωτότοκον esta palavra é composta por πρῶ + τός + τίκτω significando “um nascido primeiro”, “cabeça de uma família espiritual” ou “primogênito”.

Na era clássica esta palavra era usada literalmente para homens e animais. No oriente era sustentando que o primogênito herdava a força do pai e tinha privilégios diante da Lei.

Na LXX usa-se para expressar o relacionamento especial com pai, principalmente com Deus. Os rabinos a usavam para descrever o relacionamento de Deus com a Torá e o Santuário.

¹²⁵ W.C. Taylor, *op. cit.*, p.229.

No NT aparece 8 vezes e usa-se para título de honra a Jesus como: Mediador da criação Colossenses 1.15; Posição de dignidade Romanos 8.29; etc.

Nessa honra que Cristo está vestido podemos ver que ser primogênito não é somente prioridade, mas sim preeminência (cf. Thomson e Davidson)¹²⁶ e Barnes¹²⁷ que diz que essa preeminência é como modelo e exemplo que sustenta uma relação fraternal entre a grande família de Deus e Alford¹²⁸ completa dizendo que entre aqueles adorados através dele próprio, para que Ele seja reconhecido como Filho de Deus.

T.F. Lockyer¹²⁹ nos mostra como essa primogenitura foi possível, porque mesmo Cristo sendo Divino, Nele habitou toda a plenitude da natureza humana (sem pecado) e assim pôde ser mediador de uma nova humanidade em contraste com a primeira, que caiu em Adão.

¹²⁶ G.T. Thomson e F. Davidson, *op. cit.*, pp.1170-1171.

¹²⁷ A. Barnes, *op. cit.*, p.197.

¹²⁸ H. Alford, *op. cit.*, p.398ss.

¹²⁹ T.F. Lockyer, *in loc*, In: *The Pulpit Commentary*, p.241.

Sanday e Headlan¹³⁰ mostra que a entrada para essa nova humanidade foi a ressurreição e sendo Cristo o primeiro ressurreto, Ele é o primogênito.

Concluimos o estudo de εἰς τὸ εἶναι αὐτὸν πρωτότοκον podemos ver que nesse texto πρωτότοκον (primogênito) se relaciona com o estado dos redimidos, isto é, com a posição de Cristo diante daqueles que serão conformados com a Sua imagem.

Ele foi o cabeça da família de Deus, Ele é quem reúne em torno de Si os redimidos. Não é o primogênito de qualquer privilégio externo, mas o principal e em Sua forma o único gerado por Deus.

ἐν πολλοῖς ἀδελφοῖς

Com esta expressão terminaremos o estudo de cada termo do versículo.

ἐν usa-se esta preposição somente com o Locativo com o seu sentido de "EM", mas pode ser usada como

¹³⁰ W. Sanday e A.C. Headlan, *op. cit.*, p.218

“ENTRE” conforme assinala o gramático Taylor¹³¹

πολλοῖς traduzimos simplesmente por “MUITOS”

ἀδελφοῖς é uma palavra formada por δελφύς + α (copulativo) significando “Alguém que nasceu do mesmo útero”.

No grego clássico era usado para irmão, e parente próximo ou mesmo para um amigo. No AT (LXX) emprega-se para descendente físico, vizinho e para o próximo.

“Quando é usada exclusivamente no sentido religioso desaparece o pensamento de relacionamento físico.” cf. W. Günther.¹³²

No NT o conceito de ἀδελφός é aplicado aos companheiros cristãos, pois faziam parte da família da fé. Quando, porém, Cristo é chamado de irmão é ressaltada a Sua humilhação, mas mesmo assim continua sendo Senhor. É importante notar que Paulo não chama os Judeus de irmãos no sentido cristão, mas

¹³¹ W.C. Taylor, *op. cit.*, p.243.

¹³² W. Günther, In: *NDITNT*, v. II, pp.449-453.

sim como “irmãos segundo a carne”.

Na passagem em foco está claro que a nova posição de irmão foi possibilitada pelo primogênito, Cristo, pois o vínculo dessa fraternidade é o AGAPE de Deus.

O importante a notar é que a passagem diz “muitos” não diz todos ou poucos, isso significa que é o propósito de Deus que muitos cheguem ao conhecimento da verdade.

No aspecto de Cristo ser um entre muitos não anula de forma alguma a Sua supremacia sobre eles, pois não deixou de ser mediador nem Deus.

CONCLUINDO

Ao estudarmos Romanos 8.29 podemos compreender quão majestosa é a ação de Deus em todos os seus aspectos e em todos os campos da atividade Divina.

Nossa proposta foi de verificar o propósito com que Deus havia eleito um certo número de homens e ao mesmo tempo tentar responder a algumas questões.

Nesse texto verificamos que o propósito de Deus foi o

de conformar alguns homens à imagem de Cristo.

Assim, Deus conhecendo de antemão esse, isto é, amando seletivamente a esses homens os predestinou, isto é, decretou que fossem salvos e garantiu que viessem a se conformar à imagem de Seu Filho.

Para dizermos a mesma coisa evocamos o testemunho de T.F. Lockyer que diz:

*"Esses (os eleitos) que por Sua própria e livre escolha se tornaram povo de Cristo, foram conhecidos de antemão e ordenados anteriormente por Deus de acordo com o eterno propósito que propôs em Jesus Cristo."*¹³³

Para respondermos às questões levantadas, seguiremos a mesma ordem em que foram formuladas:

a. Em que sentido Deus conheceu os eleitos?

O que pudemos compreender foi que Deus não conheceu antes como entendiam os escritores clássicos no uso desta palavra, isto é, um conhecimento de

¹³³ T.F. Lockyer, *in loc*, in *The Pulpit Commentary*, p.241.

prever o futuro, nem foi mera presciência inócua ou ainda um assentimento intelectual vazio e sem propósito. O sentido é de que Deus contemplou com Seu olhar favorável alguns homens e esse olhar foi de amor e misericórdia graciosa.

Podemos dizer como toda convicção que foi o mais significativo olhar que ninguém jamais recebeu.

Portanto, Deus conheceu anteriormente desde toda eternidade, àqueles sobre os quais lançou Seu olhar discriminativo.

b. Como isso implica em tê-los predestinados?

Como diz Barmby¹³⁴

"A onisciência de Deus combina com Sua onipotência".

Por essa declaração podemos ver que o conhecimento de Deus implica necessariamente em ação, assim, conhecemos de antemão implica a predestinação dos

¹³⁴ J. Barmby, *in loc*, In: **The Pulpit Commentary**, p.215

objetos desses conhecimento, pois tal, como diz Lockyer¹³⁵ o resultado do propósito não pode falhar, pois o processo de trabalho de Deus deve ser cabalmente cumprido.

c. A qual imagem Paulo se refere?

Como vimos essa imagem não é apenas uma imagem exterior, superficial, mas muito mais uma imagem interior e eterna à qual somos conformados paulatinamente após a regeneração.

d. Qual o significado de “primogênito”

Aprendemos que primogênito nesse texto é a preeminência de Cristo na família de Deus e isso não por acaso, mas por ter sido o primeiro a ressuscitar.

e. Porque entre muitos irmãos?

O texto diz muitos por que está se referindo à família da fé que segundo Apocalipse 7.9 é uma multidão. São

¹³⁵ T.F. Lockyer, *in loc*, In: **The Pulpit Commentary**, p.241.

estes os que foram adotados em Jesus, o redentor dos escolhidos de Deus.

Assim, ai está o argumento exegético que comprovou a nossa Tese.

CONCLUSÃO

A conclusão de nosso trabalho será uma, tentativa de aplicação do tema que estudamos. Como dissemos na introdução, uma preocupação nossa foi em tentar detectar um dos aspectos práticos desta doutrina para a vida diária de cada crente.

Depois de comprovada nossa tese, tentaremos concluí-la com uma aplicação dos resultados obtidos:

Primeiro, pudemos perceber que os teólogos não desenvolvem este propósito de Deus na eleição, tratando de modo enfático outros aspectos e deixando este tópico sem o tratamento que merece. A nossa proposta é que, como fazem os comentaristas, os estudiosos da Bíblia possam tratar de maneira mais enfática e demorada este propósito de Deus na eleição.

Segundo, pudemos comprovar que a Confissão de Fé de Westminster não faz menção clara a este propósito de Deus e nem inclui o texto de Romanos 8.29 nas referências bíblicas do capítulo III.

Gostaríamos de propor a inclusão deste propósito e o respectivo texto bíblico na Seção VI do Capítulo III da Confissão de Fé de Westminster. Entendemos que esta inclusão seria mais um aspecto a se juntar aos já existentes nesta seção, aspecto que só viria a corroborar com a clareza do ensino desta doutrina.

Finalmente, como ficou demonstrado, a conformação à imagem de Cristo é um processo, uma transformação gradual, pela qual todo crente passa.

Considerando que esta imagem não é somente exterior, mas também interior, que é a conformação em tudo com Cristo, podemos dizer que esta assimilação é tanto de vida quanto de caráter, isto é, "Basta ao servo ser como o seu Senhor" Mateus 10.25. Assim esta imagem inclui em síntese, alguns elementos, aos quais todo cristão deve viver diariamente, a saber:

a. Obediência total - Filipenses 2.8

- b. Mente de Cristo - I Coríntios 2.16
- c. Amor ilimitado - Mateus 5.44; João 13.34
- d. Unidade - João 17.21; Efésios 4.13
- e. Santidade - João 17.19; I Pedro 1.15; II Tessalonicenses 2.13
- f. Evangelização - Lucas 4.16
- g. Pleno conhecimento de Deus - Colossenses 3.10; Efésios 4.13

Assim poderíamos enumerar muitos outros elementos que fazem parte desta conformação à imagem de Cristo. Entretanto, concluímos com as palavras exatas de Paulo, aplicando-as na vida diária que deve ser a conformação à imagem de Cristo:

"Não que eu o tenha já recebido, ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus.

Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus." Filipenses 3.12-14.

BIBLIOGRAFIA

TEXTO BÁSICO

ALAND, Kurt e outros, **The Greek Testament**, United Bible Societies, third edition, West Germany, 1975.

GRAMÁTICA

TAYLOR, Willian C., **Introdução ao Estudo do Novo Testamento Grego**, JUERP, 5ª Edição, Rio de Janeiro, 1977.

DICIONÁRIOS

BROWN, Colin (ed.) **O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**, Edições Vida Nova, São Paulo, 1981.

FERM, Virgilius (Ed.), **Encyclopedia of Religion**, The Philosophical Library, New York, 1945.

MOULTON, Harold K., **The Analytical Greek Lexicon Revised**, Zondervan Publishing House, Grand Rapids, Michigan, 1978.

TAYLOR, William C., **Dicionário do Novo Testamento Grego**, Casa Publicadora Batista, 4ª edição, Rio de Janeiro, 1965.

COMENTÁRIOS

ALFORD, Henry, **Alford's Greek Testament**, Baker Book House, Grand Rapids, Michigan, 1980.

BARNES, Albert, **Notes on the New Testament**, Baker Book House, Grand Rapids, Michigan, nineteenth edition, 1982.

BRUCE, F.F., **Romanos: Introdução e Comentário**, Mundo Cristão e Vida Nova, 2ª Edição, São Paulo, 1981.

CALVIN, John, **Commentary on the Epistle of Paul the Apostle to the Corinthians**, Vol. II Wb.B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, Michigan, 1959.

CALVINO, Juan, **Epístola los Romanos**, Subcomisión Literatura Cristiana de la Iglesia Cristiana Reformada, Grand Rapids, Michigan s/d.

- DELITZSCH, F., **Biblical Commentary on the Old Testament**, Vol. I, Wm. B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, Michigan, 1949.
- ELICOTT, Charles J., **A Critical and Grammatical Commentary on St. Paul's Epistle to the Galatians**, Warren F. Draper, Andover, 1890.
- ELICOTT, Charles J., **A Critical and Grammatical Commentary on St. Paul's Epistle to the Ephesians**, Warren F. Draper, Andover, 1885.
- ERDMAN, Charles R., **Comentário de Romanos**, Casa Editora Presbiteriana, São Paulo, s/d.
- HENDRIKSEN, Guilherme, **Gálatas Comentário del Nuevo Testamento**, T.E.L.L., Grand Rapids, Michigan, 1984.
- HENDRIKSEN, Willian, **Ephesians, New Testament Commentary**, Baker Book House, third printing, Grand Rapids, Michigan, 1972.
- HODGE, Charles, **Commentary on Romans**, The Banner of Truth Trust, London, 1972,
- LIGHTFOOT, J.B., **Saint Paul's Epistle to the Galatians**, Macmillan and Co. Limited, London, 1914.
- MaCLAREN, Alexander, **Expositions of Holy**

Scriptures, George H. Doran Company, New York, s/d.

NICOLL, W. Robertson (ed.), **The Expositor's Bible** A.C. Armstrong and Son, New York, 1903.

REID, James, **The Second Epistle to the Corinthians**, In: **The Interpreter's Bible**, Vol. 10, Abingdon-Cokesbury Press, New York, Nashville, 1953.

RIDDERBOS, Herman N., **The Epistle of Paul to the Churches of Galatia** In: **The New International Commentary on the New Testament**, Wm.B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, Michigan, 1953.

SANDAY, W., **The Epistle to the Romans**, In: **New Testament Commentary** Cassel & Company Limited, London, s/d.

SANDAY, W. e A.C. Headlan, **The Epistle to the Romans**, In: **The International Critical Commentary**, T&T Clark Ltd, fifth edition, 1975.

SIMPSON, E.K. and F. Bruce, **Commentary on the Epistle to the Ephesians and Colossians**, In: **The New International Commentary on the New Testament**, Wm. B. Eerdmans Publishing,

sixth printing, Grand Rapids, Michigan, 1972.

SPENCE, H.D.M. and J.S. Exell (eds), **The Pulpit Commentary**, Vol. 18, Wm B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, Michigan, 1977.

THOMPSON, G.T. e F. Davidson, **O Novo Comentário da Bíblia**, Vol. 3, Edições Vida Nova, São Paulo, 1963.

WESTCOTT, B.F., **On St. Paul's Epistle to the Ephesians**, Wm.B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, Michigan, s/d.

COMPÊNDIOS DE TEOLOGIA

BERKHOF, L., **Teologia Sistemática**, Publicaciones T.E.L.L., Grand Rapids, Michigan, 1969.

BERKHOF, L., **Manual de Doutrina Cristã**, Luz Para o Caminho e Ceibel, Campinas, Patrocínio, 1985.

BOETTNER, L., **The Reformed Doctrine of Predestination**, Wm.B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, Michigan, 1967.

CALVINO, J., **Institución de la Religión Cristiana**, Fundación Editorial de Literatura Reformada, Países Bajos, 1967.

OOSTERZEE, J.J. van, **Christian Dogmatics**, Hodder and Stoughton, second edition, London, MDCCCLXXVIII.

SMITH, H.B., **System of Christian Theology**, A.C. Armstrong and Son fourth edition, New York, 1891.

STRONG, A.H., **Systematic Theology**, Vol. III, The Griffith & Rowland Press, Philadelphia, 1909.

CONFISSÕES E AFINS

HALL, P., **The Harmony of Protestant Confessions**, John F. Shaw, London, MDCCCXLII.

HODGE, A.A., **A Commentary on the Confession of Faith**, Presbyterian Board of Publication, Philadelphia, 1869.

McPHERSON, J., **The Confession of Faith**, T&T Clark, Edinburgh, 1882.

MORRIS, E.D., **Theology of The Westminster Symbols**, The Champlin Press and The Terry Engraving Company, Columbus, 1900.

Confissão de Fé e Catecismo Maior da Igreja Presbiteriana, 6ª edição, Casa Editora Presbiteriana, São Paulo, 1980.

HISTÓRIA DA IGREJA

BETTENSON, H., **Documentos da Igreja Cristã**, JUERP, ASTE, 2ª edição Rio de Janeiro, São Paulo, 1983.

CAIRNS, E.E., **O Cristianismo Através dos Séculos**, Edições Vida Nova, São Paulo, 1984.

FAIRWEATHER, A.M. (ed.), **Aquinas on Nature and Grace**, In: **The Library of Christian Classics**, Vol. XI, The Westminster Press, Philadelphia, MCMLIV

FISHER, G.P., **History of the Christian Church**, Charles Scribner's sons, New York, 1922.

GONZALES, J.L., **Uma História do Cristianismo, A Era dos Reformadores**, Vol. 6, Edições Vida Nova, São Paulo, 1983.

GONZALES, J.L., **Uma História do Cristianismo, A Era dos Dogmas e das Dúvidas**, Vol. 8, Edições Vida Nova, São Paulo, 1984.

MOELLER, W., **History of the Christian Church**, Swan Sonnenschein & Co., New York, 1892.

NICHOLS, R.H., **História da Igreja Cristã**, Casa Editora Presbiteriana, 6ª edição, São Paulo, 1985.

RAMOS, G.D., (ed), **Obras Completas de San**

Bernado, Biblioteca de Autores Cristianos Madrid, MCMLIII.

SCHAFF, P., **History of the Christian Church**, Vols. II, III, IV, seventh edition, Charles Scribner's sons, New York, 1896.

SCHAFF, P., **The Creeds of Christendom, Vol. I The History of Creeds**, Harper & Brothers Fourth edition, Franklin Square, New York, 1984.

SCHAFF, P., **A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church, Saint Augustin**, Vols. III, V, VI, VII, The Christian Literature Company, New York, 1889.

WALKER, W., **História da Igreja Cristã**, Aste e Juerp, 4ª edição, São Paulo, Rio de Janeiro, 1983.